



Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

Faculdade de Educação

Diretor: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Vinicio de Macedo Santos

Organizadoras

Núria Hanglei Cacete Fabíola Alice dos Anjos Durães

Edição e Editoração

Fabíola Alice dos Anjos Durães

Traduções

Lucinea Rinaldi - Inglês Beatriz Pereira Silva - Espanhol

Projeto Gráfico e Diagramação

Jorge André de Lima Sales Filho (Bolsista USP)

Fomento

Programa Unificado de Bolsas (PUB-USP) Pró-Reitoria de Graduação (PRG-USP)

São Paulo, 2020.







Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



Direitos desta edição reservados à FEUSP

Avenida da Universidade, 308 Cidade Universitária – Butantã 05508-040 – São Paulo – Brasil (11) 3091-2360 E-mail: spdfe@usp.br http://www4.fe.usp.br/

Catalogação na Publicação Biblioteca Celso de Rui Beisiegel Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

P861 O potencial pedagógico do Estudo do Meio no Vale do Paraíba. v. 1. /
Núria Hanglei Cacete e Fabíola Alice dos Anjos Durães
(Organizadoras). São Paulo: FEUSP, 2020.
125 p.

Vários autores

ISBN: 978-65-87047-08-9 (E-book) DOI: 10.11606/9786587047089

1. Estudo do Meio. 2. Ensino de geografia. 3. Formação de professores. 4. Vale do Paraíba. I. Cacete, Núria Hanglei (org.). II. Durães, Fabíola Alice dos Anjos (org.). III. Título.

CDD 22^a ed. 375.41

Reconhecer as histórias e geografias do passado é essencial para se construir novas histórias e geografias no presente e transformar as histórias e geografias do futuro.

Fabíola Alice dos Anjos Durães

sumário

1. Viagem às Cidades Mortas: o caso de Bananal por Lucinea Rinaldi 2. Relato de experiência sobre o Estudo do Meio nas cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista por Debora Xavier 3. O Estudo do Meio e o desenvolvimento do raciocínio geográfico por Erica Cavalcante 4. Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente - desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico por Fabiola Durães e Cleberson Moura	Sobre a história desta coletânea	egra.
Mortas: o caso de Bananal por Lucinea Rinaldi 2. Relato de experiência sobre o Estudo do Meio nas cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista por Debora Xavier 3. O Estudo do Meio e o desenvolvimento do raciocínio geográfico por Érica Cavalcante 4. Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico	e apresentação dos capítulos	
2. Relato de experiência sobre o Estudo do Meio nas cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista por Debora Xavier 3. O Estudo do Meio e o desenvolvimento do raciocínio geográfico 46 por Érica Cavalcante 4. Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico	1. Viagem às Cidades Mortas: o caso de Bananal	
do Meio nas cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista por Debora Xavier 3. O Estudo do Meio e o desenvolvimento do raciocínio geográfico 46 por Érica Cavalcante 4. Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Filmico		
por Debora Xavier 3. O Estudo do Meio e o desenvolvimento do raciocínio geográfico por Érica Cavalcante 4. Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico	do Meio nas cidades históricas do Vale do	
desenvolvimento do raciocínio geográfico por Érica Cavalcante 4. Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente - desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico	Faraiba do Sul Faulista	
4. Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico	desenvolvimento do raciocínio	
do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia por Beatriz Pereira 5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico		
5. Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico	do Meio como prática pedagógica para o	
Estância Turística de Bananal por Guilherme Estevão 6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico		
6. Documentário "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico		
desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico		
	desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre	
Sobre a arte gráfica desta coletânea	Sobre a arte gráfica desta coletânea 114	

Sobre as autoras e os autores

119



Sobre a história desta coletânea e apresentação dos capítulos

por Núria Hanglei Cacete e Fabíola Alice dos Anjos Durães

A história desta coletânea está ligada ao oferecimento da disciplina "Metodologia do Ensino de Geografia II" ministrada pela Prof.ª Dr.ª Núria Hanglei Cacete desde 2004 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Esta disciplina tem como público-alvo licenciandos/as em Geografia oriundos/as do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). O objetivo principal desta disciplina é a realização de um trabalho coletivo a partir de discussões e reflexões proporcionadas por referenciais teórico-metodológicos importantes para o Ensino de Geografia, buscando sensibilizar os/as futuros/as professores/as para a prática docente na Educação Básica, tendo como principal foco o compromisso com as instituições públicas de ensino.

Uma das propostas em destaque do curso é a utilização e defesa do Estudo do Meio como uma metodologia importante tanto para a formação de professores/as quanto para a formação de estudantes de qualquer nível de ensino. Ao longo desses anos temos observado o quão significativa tem sido as formas de abordagens de conteúdos da proposta de Estudo do Meio na formação de professores/as de Geografia, trabalho que vem sendo aprimorado ano após ano devido ao constante diálogo com os/as licenciandos/as e professores/as atuantes na área.

O Estudo do Meio realizado nesta disciplina tem como área de estudo algumas cidades históricas do Vale do Rio Paraíba do Sul Paulista: Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal. É importante destacar que toda proposta de Estudo do Meio é composta por uma etapa

de pesquisa e preparação (pré-campo); execução (campo); e finalização (pós-campo), momentos que são cruciais para apropriação dos conhecimentos sobre a região escolhida como objeto de investigação. A área de estudo constitui-se como uma região emblemática do processo de formação socioespacial do Brasil que apresenta ainda hoje relações sociais e leituras do espaço e do tempo que remetem ao período colonial, como poderá ser observado nos capítulos apresentados nesta coletânea.

Considerando que os/as discentes sempre produziram materiais didáticos muito criativos e críticos a partir da experiência de Estudo do Meio no Vale do Rio Paraíba do Sul Paulista, desde 2016 tem surgido o interesse dos/as licenciandos/as na criação de algum dispositivo de compartilhamento dos trabalhos finais produzidos na disciplina. A solução, nesta ocasião, foi a criação e alimentação de um grupo na rede social *Facebook* em que os/as estudantes passaram a compartilhar seus trabalhos e outras referências ligadas ao Ensino de Geografia.

Já em 2018, estudantes que cursaram a disciplina em 2017 pensaram numa proposta de realização de documentação do Estudo do Meio, que resultou na elaboração do projeto "Potencial Pedagógico da Metodologia Estudo do Meio: Editoração, Design Instrucional e Registro Audiovisual", contemplado no edital 2018/2019 do Programa de Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo (PUB-USP). Este projeto tinha como objetivo documentar todas as etapas do Estudo do Meio realizado em 2018; produzir um documentário com esse material captado; convidar discentes atuais e egressos/as para escreverem artigos para construirmos um e-book; reunir e solicitar autorização dos trabalhos finais para os/as estudantes e ex-estudantes; e, a partir de materiais fotográficos, criar catálogos. Considerando que o projeto foi contemplado com apenas um bolsista e tendo em vista a grande quantidade de materiais reunidos, solicitamos a renovação e elaboramos um projeto à parte visando a criação, alimentação e manutenção de um site de domínio USP [1]. Assim, no edital 2019/2020, demos continuidade à proposta pensada inicialmente e a ideia de fazer um e-book com os materiais adquiridos se transformou na proposta de construção desta coletânea. Assim, esta coletânea é um dos resultados do referido projeto.

No volume I, apresentamos a seleção de textos de discentes con-

vidados/as que cursaram a disciplina nos últimos anos. Já no volume II, apresentamos na íntegra os trabalhos finais de grupos que autorizaram a publicação e divulgação dos mesmos de forma a reunir materiais com o intuito de servirem como recursos didáticos de apoio e/ou inspiração à professores/as de Geografia. Esses materiais também estão disponibilizados no site que criamos, todos estão sob licença *creative commons* [2], configurando-se numa proposta de Recursos Educacionais Abertos (REAs). Além disso, com auxílio da tecnologia assistiva chamada texto alternativo, que trata-se de um texto que fica oculto para pessoas videntes, mas que permite o acesso a uma descrição detalhada das imagens para pessoas com deficiência visual quando utilizados softwares leitores de tela; o que possibilita melhor entendimento das imagens quando comparado às legendas simples (que também utilizamos na coletânea).

Há de se destacar que em ambos os volumes é possível perceber em grande parte dos trabalhos os incômodos em relação às dinâmicas socioespaciais que vários/as estudantes sentiram ao conhecer a área de estudo, o que evidencia o reconhecimento de muitos/as que cursaram a disciplina do quão importante é a realização de esforços para a reconstrução da História não só do Vale do Paraíba, mas como do Brasil, de forma a evidenciar a importância das questões raciais para a construção socioespacial do território nacional, portanto, compreensão também da Geografia que constitui este espaço. Assim, consideramos urgente iniciativas que contemplem propostas de pedagogias contra-hegemônicas (decoloniais) a fim de proporcionar uma formação mais cidadã e democrática. Nossa intenção é de que esta coletânea contribua com isso.

No presente volume é possível ter acesso a importantes reflexões dos/as ex-discentes a partir de um olhar dos processos de ensino e aprendizagem que ocorreram com a experiência do Estudo do Meio realizado na disciplina. Ou seja, temos a oportunidade de ler sobre as reflexões de profissionais da área anos depois de terem participado do Estudo do Meio no Vale do Rio Paraíba do Sul Paulista. Destacamos que a maioria das autoras e dos autores estão atuando na Educação Básica e realizando pesquisas em nível de pós-graduação, o que reflete na qualidade das reflexões e das formas em que os conteúdos são abordados.

No primeiro capítulo, "Viagem às Cidades Mortas: o caso de Ba-

nanal", Lucinea Rinaldi, com sua experiência na área de Literatura Brasileira, apresenta um relato de viagem em formato de crônica que traz um breve um histórico da região focado na história e na geografia de Bananal-SP desde a sua constituição. Essa escolha não é por acaso e nem isenta de intencionalidade, visto que Bananal foi o município que mais enriqueceu com a economia cafeeira e que mantém até os dias atuais heranças amargas do período colonial. A autora faz uma narrativa acerca da região buscando trazer as belezas e as mazelas presentes na área de estudo, apontando questões culturais, sociais e econômicas de forma crítica, com destaque para os diversos sujeitos sociais, bem como aos patrimônios materiais e imateriais presentes no Vale.

No segundo capítulo, "Relato de experiência sobre o Estudo do Meio nas cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista", Debora Cavalcante de Moraes Xavier, atualmente mestranda em Educação, educadora e produtora de materiais didáticos de Geografia para o Ensino Médio, faz um relato de como foi a sua experiência em participar do Estudo do Meio como estagiária do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) da referida disciplina em 2018. É interessante destacar que a autora participou como licencianda do primeiro Estudo do Meio realizado na região pela professora Núria, em 2004. Assim, temos um rico relato de experiência de uma profissional que participou deste trabalho tanto como estudante quanto como estagiária de apoio à disciplina, situação que, segundo ela, contribuiu para a reflexão em relação à sua atual prática docente. A autora traz os principais referenciais teóricos utilizados na disciplina, destacando que têm como propósito despertar a autonomia dos/as discentes tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional e a construção de um trabalho cooperativo, de forma a fazer com que os/as licenciandos/as notem a importância do papel ativo no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, ela detalha como foi realizado o Estudo do Meio, apontando suas etapas, finalidades e resultados, com destaque para a leitura crítica que os/as discentes fazem em relação à área de estudo.

No terceiro capítulo, "O Estudo do Meio e o desenvolvimento do raciocínio geográfico", Érica Alves Cavalcante, que tem formação em História e Geografia e atua como coordenadora de ensino na área de Ciências Humanas numa rede privada, desenvolve um artigo sobre o papel do Estudo do Meio como metodologia importante para a formação de professores/as de Geografia e, consequente, para um Ensino de Geografia que possibilite a construção de leituras críticas da realidade. Ou seja, aponta

para o fato de como a utilização de metodologias ativas ajudam a mobilizar a construção do raciocínio geográfico a fim de ampliar a compreensão dos fenômenos estudados. Para sustentação de seus argumentos ela utiliza autores consagrados da área e, como elemento de exemplificação do processo em relação à sua formação contínua, traz elementos importantes acerca do recorte de pesquisa do Estudo do Meio realizado em Metodologia do Ensino de Geografia II, com destaque para como a etapa do trabalho de campo é importante para a construção do raciocínio geográfico.

No quarto capítulo, "Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia", Beatriz Pereira Silva, que atua como professora de Geografia na Educação Básica e está cursando pós-graduação em Geografia Humana, produz um artigo que se propõe a comentar mais especificamente sobre a etapa do trabalho de campo no curso de licenciatura em Geografia na FE-USP como um exercício representativo de visita preliminar para professores/as que se propõem a realizar um Estudo do Meio. Assim, a autora utiliza como exemplo de visita preliminar o trabalho de campo do Estudo do Meio realizado no Vale do Paraíba em 2017 de forma a pensar as potencialidades pedagógicas no campo da Geografia e relações sociais observadas neste trabalho que podem ser abordadas com estudantes do Ensino Fundamental II. Diante de elementos observados na visita preliminar, ela destaca a herança colonial do Vale do Paraíba que tem como elemento principal o silenciamento da população negra através de histórias e memórias oficiais da região. Por fim, a autora aponta para a emergência de propostas e ações que busquem a promoção de pedagogias decoloniais e como a Geografia pode contribuir para a construção de uma educação antirracista.

No quinto capítulo, "Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal", Guilherme Estevão dos Santos, que é atualmente professor da Educação Básica e mestrando em Geografia Humana, traz uma adaptação do texto de um artigo homônimo publicado no XIX Encontro Nacional de Geógrafos (ENG 2018) que refere-se ao recorte de pesquisa realizado pelo grupo de trabalho no qual ele participou ao cursar a disciplina em 2017. O artigo traz uma análise sobre as questões socioespaciais de Bananal, tendo como foco a arquitetura e o urbanismo da cidade; a localização desses elementos; e os indicadores socioeconômicos

de setores censitários, e busca evidenciar como as formas da paisagem e da memória revelam segregações espaciais presentes na geografia deste município que assemelham-se às presentes nas grandes metrópoles brasileiras. Assim, o autor faz uma crítica à forma da memória de Bananal comparando o centro histórico com um bairro periférico a fim de evidenciar uma síntese das contradições e dos aspectos perversos do modo de produção capitalista no Brasil consubstanciado no racismo estrutural.

No sexto e último capítulo, "Documentário 'Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'': reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico", Fabíola Alice dos Anjos Durães (mestranda em Educação) e Cleberson Henrique de Moura (graduando em Pedagogia) buscam traçar paralelos entre as etapas necessárias à realização de Estudos do Meio e de documentários, e argumentam que tal semelhança viabiliza não só práticas pedagógicas e realização de documentários, mas também o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. O artigo retoma todas as etapas que foram realizadas para a construção do documentário em questão, apontando para a importância de se conhecer o passado para entender o presente e exemplificando como documentários podem ser utilizados como ferramenta de denúncia, podendo servir como objeto de futuras pesquisas e de ensino-aprendizagem.

notas

[1] O referido site é a Plataforma Ensino de Geografia (PlanEnGeo) que tem como intuito ampliar a divulgação e acesso aos materiais que estamos reunindo e produzindo. Assim, esta plataforma constitui-se em um repositório digital de conteúdos dedicados à temática Ensino de Geografia. *C.f.* https://sites.usp.br/ensinogeo/.

[2] Licença do tipo <u>CC BY-NC-SA</u> (permissão para remixar, adaptar e criar a partir dos materiais didáticos desde que seja sem fins comerciais e que os créditos sejam atribuídos aos/às autores/as e os novos produtos sejam licenciados sob termos idênticos).



Parte interna da senzala superior presente na Fazenda Pau D'Alho. São José do Barreiro-SP. Fotografia: Julio Santos Silva.



Viagem às Cidades Mortas: o caso Bananal

por Lucinea Rinaldi

resumo

Este relato de experiência narra como crônica, reflexões observadas no Estudo do Meio realizado nas Cidades Históricas do Vale do Paraíba em 2018. O relato faz referência especificamente à Bananal-SP, cidade vista como a principal da área visitada, pois foi o município que mais enriqueceu no auge cafeeiro do país, herança que possibilitou a ascensão das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A economia cafeeira foi marcada por transformações das paisagens tanto naturais quanto humanas e os vestígios desta época perduram até os dias atuais. Com essa crônica, a autora convida os leitores a ver e reler a região no ponto de vista histórico-geográfico para uma melhor compreensão das dinâmicas socioespaciais tanto do passado quanto do presente.

palavras-chave

Estância Turística de Bananal – Vale Histórico – Exploração do trabalho - Escravizados – Barões do Café.

Journey to the Dead Cities: the case of Bananal

by Lucinéa Rinaldi

abstract

This report of experiment narrates as chronicle, reflections observed in the Milieu Analysis carried out in the historic cities of Paraíba Valley in 2018. The article makes specific reference to Bananal-SP, the city seen as the main visited one in the area, as it was the municipality which has most enriched in the boom of the coffee plantation in the country, a legacy that enabled the rise of the cities of São Paulo and Rio de Janeiro. The coffee economy was marked by transformations in both natural and human landscapes, and the vestiges of that time persist to the present days. With this chronicle, the author invites readers to see and reread the region from the historical-geographical point of view, for a better understanding of the socio-spatial dynamics of both past and present.

key words

Bananal Tourist Resort – Historical Valley – Exploitation of labor – Slave – Coffee Barons.

Viaje a las Ciudades Muertas: el caso de Bananal

por Lucinéa Rinaldi

resumen

Este relato de experiencia narra como crónica, reflexiones observadas en el Estudio de Medio realizado en las ciudades históricas del Vale do Paraíba en 2018. Este relato hace referencia específicamente a la ciudad de Bananal, ubicada en el interior de São Paulo y principal área visita, pues fue la municipalidad que más acumuló riquezas en el ápice de la producción del café en Brasil y, como herencia de ese período, contribuyó al crecimiento de las ciudades de São Paulo y Rio de Janeiro. La economía del café fue marcada por las transformaciones de los paisajes naturales y humanos y los trazados de ese período siguen hasta el día de hoy. Con esa crónica, la autora invita a los lectores a ver y leer la región desde un punto de vista histórico-geográfico para una mejor comprensión de las dinámicas socioespaciales tanto del pasado cuanto del presente.

palabras clave

Estancia Turística de Bananal – Valle Histórico – Explotación laboral – Esclavizados – Terratenientes del Café.

A Estância Turística de Bananal (22°41'02"S; 44°19'22"O), município fundado em 10 de julho de 1793, localiza-se na microrregião de mesmo nome, no Vale do Paraíba do Sul Paulista. Apresenta uma extensão territorial de 616,32 km², com áreas remanescentes de Mata Atlântica [1], ruas e fazendas centenárias, as quais revelam o padrão arquitetônico da época colonial do café e, atualmente, atesta a tradição do artesanato e da arte gastronômica tropeira, com forte influência das culinárias indígena, africana e ibérica.

Bananal reserva ao viajante a possibilidade de se descobrir grandezas de uma pluralidade de fortunas históricas, porque localiza-se no Caminho Imperial, lugar por onde Dom Pedro I passou, a caminho do Riacho do Ipiranga, para proclamar a Independência. 1,3 mil quilômetros percorridos em seis dias, após sair da Quinta da Boa Vista (VEIGA, 2018); contemporânea, porque sua diversidade natural guarda ainda boa parcela de reserva da biosfera da Mata Atlântica (SÃO PAULO, 2016).

Pode-se acessar o distrito a partir da saída 34 da Rodovia Presidente Dutra, por meio da Estrada dos Tropeiros (SP-068), e passar por cidades como Silveiras, Areias, São José do Barreiro, localizadas no chamado Vale Histórico, até se chegar ao distrito de Bananal, conhecida como a "cidade que financiou o Brasil" (ARCCO, 2014, *online*). Percorrer esses caminhos é uma forma de fazer uma viagem no tempo.

Encontra-se uma unidade de conservação da Serra da Bocaina, a Área de Proteção Ambiental (APA) Estação Ecológica do Bananal e Serra da Carioca, criada pelo Decreto 43.193/1964, declarada como Reserva Florestal pertencente ao Estado de São Paulo.

Esses roteiros são compreendidos por historiadores e turismólogos como "Caminhos da Corte", numa área extensa que oferece bosques e cursos d'água e que, durante o ciclo cafeeiro, chegou a ser considerada como a mais rica do Brasil. Hoje, Bananal, guarda um patrimônio natural único, com potencialidade socioambiental de promover turismo ecológico agregado a sua vocação histórico-cultural.

A cidade surge como rota alternativa para ligar a capital do Brasil com a província de São Paulo, como vila de repouso para tropeiros que traziam o ouro das Minas Gerais para ser comercializado e enviado a Portugal, como um novo traçado, denominado Caminho Novo da Estrada Real, nova rota de escoar o ouro entre Angra dos Reis e Rio de Janeiro, uma alternativa mais rápida e fácil que substituía o Caminho Velho

por Paraty (CAMINHOS, 2017).

Bananal ou *Banani*, que em língua indígena dos Puris [2] significa rio sinuoso, hoje uma cidade com 10.223 habitantes (IBGE, 2010), já foi considerada como a maior produtora de café da Província de São Paulo. Entre 1830 a 1860, setenta fazendas empregavam o maior contingente de pessoas escravizadas de toda a região, responsáveis por uma colheita mensal entre oito a dez toneladas do grão (MORENO, 2013).

Há registros de que desde a época em que o Brasil foi invadido pelos portugueses, indígenas seminômades percorreram esse território em busca de alimento, caça ou proteção, por trilhas ancestrais, conectando serras, florestas e rios, caminhos que mais tarde facilitaram a apropriação do espaço e escravização de povos indígenas e negros, utilizados para a promoção de uma monocultura cuja renda concentrada promovera a formação de uma urbe aristocrata em pleno vale (CAMINHOS, 2017).

Em meados do século XVII, esse espaço ocupado por remanescentes de etnias consideradas "semicivilizadas", atraiu povoadores e aventureiros diversos, como o donatário João Barbosa de Camargo, construtor da primeira capela dedicada ao Senhor Bom Jesus do Livramento, marco inicial da cidade. Na época, para ligar as capitanias de São Paulo e Rio de Janeiro, o governo colonial distribuiu sesmarias a pessoas de sua confiança e coube a ele, donatário, a nona sesmaria no Rio Bananal (FAGUNDES, 2016).

Essa região, configurada como rota de passagem do ouro das Minas Gerais, de Goiás e do Mato Grosso, compreendeu o trajeto de Bananal até o Rio de Janeiro, entre Areias, Resende e Angra dos Reis (CAMINHOS, 2017).

Abaixo da villa de Resende há uma ponte de madeira sobre este rio, que dá serventia a uma estrada de segunda ordem, na qual a gente de pé e as bestas de carga 160 reis, e pelo mesmo teor no districto da Villa de Parahiba, qual é separado em duas partes pelo mesmo rio, existe outra ponte, porêm de pedra, que dá também serventia a estrada real pela qual se vai da cidade do Rio-de-Janeiro para a d'Ouro Preto; neste transito recolhe o Parahiba os ribeiros mais ou menos possantes das Pedras, do Bananal, de Barra Mansa e o rio Pirahi [...]. (SAINT-ADOLPHE, 1845, 226).

Contudo, devido à abertura desse caminho novo na região e ao esgotamento da produção de ouro nas Minas Gerais, Bananal, agora mais povoada, passou a ser lugar de cultivo de outras culturas, como a cana-de-açúcar, o feijão e o milho para subsistência, e de café, como produto para exportação.

Como "guardiã" dessa fortuna cafeicultora, Bananal deu lugar a um sítio histórico e a fazendas seculares ao redor. Espaço cenográfico de uma arquitetura particular que ilustra esse período de acúmulo de riquezas. Em pleno Vale do Paraíba temos uma área urbana num Brasil ainda rural. A paisagem como testemunha da negociação de grãos e de pessoas como objeto, repetindo a engrenagem colonial de enriquecer às custas da exploração do trabalho de pessoas marginalizadas.

A produção do grão gerou muita concentração de dinheiro e de poder para uma nova aristocracia: nasciam os chamados "Barões do Café", políticos astutos, alguns iletrados, proprietários de sesmarias. Pessoas que fizeram fortuna rápida, fruto da exploração do trabalho de mãos e de braços de africanos e de seus descendentes.

Bananal atesta esse passado de "riquezas" para uma elite tanto econômica quanto política ali formada, tempos esses em que a cidade chegou a possuir até mesmo moeda própria (CAMINHOS, 2017), capaz de negociar contratos milionários com ingleses para passar a ferrovia; a compra de mantimentos com tropeiros; produtos vindos da Europa como vinho, taça e cristais; e, sobretudo, as "peças" do trabalho escravo trazidas da África para trabalharem de sol a sol a terra e o plantio do café. Numa breve visita, é possível se perceber a cada fazenda, a cada esquina, um grande arquivo a céu aberto, ainda a ser lido e protegido, como patrimônio urbano e paisagístico de um Brasil Império que resiste ao tempo, mas que também dialoga com o presente, sobre o legado do espaço explorado, seja do ponto de vista da paisagem natural seja da condição humana resultante desse processo.

Leituras de um mundo, reflexões que retroagem aos tempos de um Brasil Colônia, a partir da percepção e da interpretação do lugar da Casa Grande e da Senzala, vestígios e marcas que atestam geração de riqueza em detrimento do poder concentrado e acumulado pelo controle do trabalho explorado da forma mais cruel e desumana que existiu para o enriquecimento de poucos.

Bananal foi, assim, o centro da produção do chamado "ouro ver-

de" no Vale do Paraíba, ao ser elevada à condição de Vila, em 10 de julho de 1832, através de Decreto Imperial que legitimava essa forma de produção (SAINT-ADOLPHE, 1845).

Mais do que modificar a paisagem natural do Vale, o café alterou a paisagem humana, privilegiando uma oligarquia de poder político concentrado nas mãos dos chamados "Barões", senhores que mandavam e desmandavam em todo o território.

Como exemplo da importância de Bananal, a cidade foi como que "preservada", protegida, durante a Revolução Liberal de 1842, oportunidade em que chegou a ser anexada ao Rio de Janeiro, por meio do Decreto n° 180 no mês de junho, retornando, dois meses depois, por outro Decreto, o de n° 215, a pertencer a São Paulo. Progresso, população e riquezas elevaram-na à condição de Cidade via Lei n° 17, de abril de 1849 (SÃO PAULO, 1849) e, em 30 de março de 1858, foi criada sua Comarca, anexando os termos de Areias, Queluz e Silveiras até 1866.

No brasão da cidade (Figura 1), podemos ver os seguintes dizeres: *Orta labore*, lema que significa "surgida do trabalho". Isso ajuda-nos a perceber o contexto histórico em que a cidade estava inserida: um município localizado no extremo leste do Estado de São Paulo, visto como um território que surge do trabalho de muitas mãos que lá cultivaram o café como grão de exportação.



Figura 1: Brasão do município de Bananal.

Fonte: Site da prefeitura de Bananal [3].

Ajuda-nos ainda a compreender contextos por meio da ocupação territorial, as relações sociais estabelecidas entre colonos, indígenas e negros, bem como o plantio do café, produto que alterou o desenho da paisagem do Vale.

Estas partes do território primitivo, em tempos distintos, se destacavam nas vantagens locacionais e já se predestinavam às cidades e as economias agrícolas, pelas oportunidades, realizando as promessas de fortuna que finalmente moldaria e comporia a paisagem do vale. (BASTOS, 2007, p. 49).

Caminhos e descaminhos da Estrada Real [4] (CAMINHOS, 2017) que por séculos serviram de passagem do ouro, de pessoas escravizadas, de imperadores, de tropeiros e, hoje, de viajantes e de ambientalistas que levantam fatos e contextos históricos para realizar Estudos do Meio que alcançam uma pluralidade de saberes entre um Brasil Colônia e um Brasil Império, para que possamos compreender a ideia concebida por Monteiro Lobato ([1919] 1984), de "cidade morta". Morta por esgotamento de um passado histórico. Porém, viva no sentido de testemunha das negociações de poder, da formação e manutenção de uma oligarquia que deslocaria a expansão cafeicultora para o Oeste Paulista.

Do ponto de vista de sua arquitetura, Bananal, a exemplo de outras cidades históricas brasileiras, morre a cada dia pelo descaso de seu patrimônio público, com o abandono e a necessidade de restauro, preservação e tombamento de seus casarões. É preciso recuperar o valor histórico da farmácia mais antiga do Brasil [5], bem como restaurar e investir no Hotel Brasil, lugar que já hospedou muitas personalidades, um espaço que testemunhou negociações e festas gigantescas, reunindo "nobres" endinheirados e influentes, eventos regados a muito vinho e champanhe trazidos da Europa, servidos em taças de cristal francês, com gelo revestido em serragem vindo do Porto de Angra dos Reis, no lombo de carros puxados por mulas e escravizados (CAMINHOS, 2017).

O Hotel Brasil é mais do que a metáfora do ostracismo em que se encontra a cidade, é a melhor tradução do Brasil hoje: dono de um passado histórico, rico em possibilidades, porém em ruínas por ausência de manejo, cuidado e zelo. Que o diga o lamentável incêndio ocorrido no Museu Nacional no Rio de Janeiro em setembro de 2018.

Encontramos casarões e palacetes erguidos com os brasões de seus proprietários, residências urbanas com azulejos portugueses, cristais belgas e franceses, artefatos e móveis importados; todos à espera, deteriorados pelo tempo, hoje na posse ou propriedade de herdeiros que não possuem verba para reparo e manutenção.

Nesse sentido, Bananal carece de uma Gestão Pública que gerencie e inventarie, emergencialmente, seu sítio histórico. Se hoje o Estado de São Paulo é o mais rico da federação, Bananal foi pedra fundacional dessa riqueza gerada e acumulada.

Os Barões do Café, a elite de um Brasil Império, a qual depositava dinheiro em bancos estrangeiros, como hoje, que financiou a construção da Estrada de Ferro ligando Bananal a Barra Mansa-RJ, cidade que já contava com potencial hidroviário e ferroviário, além de ser, já pelos idos de 1860, a maior produtora de café do Brasil.

A formação de uma elite cafeeira que acumulou muito dinheiro e poder político, concentrando renda entre duas províncias que, anos depois, não por acaso, se tornariam as duas cidades mais importantes do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo.

A mesma elite que transplantou uma infinidade de "almas negras" para, mais tarde, negociar almas brancas, substituindo a mão-de--obra escravizada pela grande imigração europeia.

A mesma elite que não perdeu o bonde da história, ao substituir a extração do ouro amarelo pelo plantio do ouro verde.

A mesma elite que secularmente acumulou riquezas, promovendo a industrialização de Rio Janeiro-São Paulo-Minas e que mantém ativos no exterior e, hoje, substitui as relações de emprego por terceirização ou colaboração, privatizando bens públicos.

De fato, Bananal é um arquivo a céu aberto. E atualíssimo!

A história de uma cidade que, do século XVII ao XIX, arrola como personagens indígenas, colonos, reis, imperadores, bandeirantes, piratas, barões, banqueiros, traficantes e, sobretudo, uma imensidão de escravizados de etnia negra, transplantados da África pelo Atlântico, e se instala por entre os Mares de Morros, o Vale do Paraíba (CAMINHOS, 2017).

A barreira natural foi assim superada, graças a um projeto maior, o de produzir para enriquecer, segundo condições fluviais favoráveis que tornaram a comunicação entre as serras e o mar possível para se chegar e partir. A paisagem do Vale foi assim alterada: a Mata Atlântica some de cena e dá lugar ao café.

Entre caminhos e descaminhos do ouro, do café, essa "cidade

morta" ganha vida e fôlego por sua tradição maior, herança que documenta tempos de um Brasil Império, tempos em que homens e mulheres eram negociados como objetos, colonos e escravizados como "peças" de trabalho para os barões fazerem o que quiserem e enriquecerem sua própria fortuna, às custas do trabalho indigno, modificando paisagens tanto naturais quanto referentes às atividades humanas.

Num cenário de luta, muitas relações sociais ali se estabeleceram entre as Serras do Mar e da Mantiqueira, o explorar para produzir e enriquecer, não para povoar e construir, foi a engrenagem.

Tanto os Barões do Café como a Coroa Portuguesa, naquele momento histórico de se proclamar uma terra como "independente", já não pensava para o país um projeto de nação, pois a geografia do espaço desbravado não incluía a geografia humana, a pátria que se constituía sob o lema "Independência ou Morte", na sua totalidade, era composta por indígenas, tropeiros, mascates, escravizados, pobres e imigrantes, iletrados, posseiros, colonos de um mesmo senhor, o proprietário da terra, da produção, das relações de trabalho e do capital.

A caminho do Vale Histórico, a Estrada dos Tropeiros nos conduz a esses espaços de encantos e desencantos, cidades percebidas como pequenas, mas que há 100, 200 anos, possuíam uma população gigantesca para a época.

Como passageiros, nosso olhar faz recortes. Como turistas, nos encantamos com um passado que não existe mais. Como viajantes, nos desencantamos com o pouco que vemos e procuramos buscar, na cartografia do imaginário, fatos, personagens e relações que ali se estabeleceram.

Diante disso, a maior herança de Bananal passa não só por sua vocação histórica, graças ao patrimônio arquitetônico, carente do processo de levantamento, recuperação e tombamento: Bananal possui patrimônio natural, suas reservas remanescentes de Mata Atlântica e patrimônio imaterial, seu artesanato, culinária e arte, fruto de uma herança coletiva graças à pluralidade de pessoas que por lá passaram, contribuíram ou permaneceram, um legado hoje não reconhecido.

Visibilidade necessária ainda a ser recuperada pelo poder público, por meio de projetos que valorizem o espaço da tradição, pelo ponto da cultura, do meio ambiente, da culinária regional, resgatando empregabilidade, renda e preservação de todos os bens, gestando ações

educativas e de capacitação que incluam sua fortuna maior: os saberes circulantes e seculares que os bananalenses herdaram.

As pessoas guardam na memória afetiva tesouros que elas desconhecem. Tropeiros, ao trocarem alimentos, comunicaram mundos, porque, na condição de viajantes, mais do que cartografaram o espaço, aprenderam a armazenar a maior de todas as fortunas: o conhecimento do outro. Ao encontrarem pessoas, descobriram novos saberes e circularam arte, ofício e grandezas, temperos e sabores, graças à leitura de um mundo visto, experimentado.

A Estrada dos Tropeiros que liga Bananal à "cidade grande", ao mesmo tempo, conecta o mundo até Bananal, até cidades tidas como mortas, mas que, na verdade, tratam-se de cidades históricas guardadas num Vale, que hoje nos disponibiliza a possibilidade de resgatar uma conexão perdida com a natureza, com a biodiversidade da Mata Atlântica, com sabores e vivências de um tempo perdido.

Essas vias de ecoturismo com sustentabilidade e de releituras de um passado histórico sugerem alternativas de recuperação natural e social do espaço, das pessoas e seus saberes, numa região tradicionalmente festiva.

Nesse sentido, festivais, festejos e festas literárias, como aquelas que acontecem em cidades com vocação semelhante, como em Cunha-SP [6] e Paraty-RJ [7], podem gerar fundos por meio do turismo cultural, como possibilidade de empregar pessoas e oferecer a todos o que Bananal tem de melhor: saberes seculares acumulados por uma tradição que parte da oca, passa pela tropa e alcança a maloca, a grande toca culinária, artística.

Que o digam indígenas, tropeiros, escravizados e colonos cujo "caldo cultural", cantado pela moda de viola, ou encantado por uma figura mística como a de Jeca Tatu, nos proporciona, desde Bananal, a melhor tradução de uma São Paulo rural perdida, o significado do ser caipira, desprezado pelas elites, mas que foi elemento crucial para a criação de riquezas imateriais.

O Vale guarda muitos segredos, mitos e lendas, uma teia de histórias e estórias que carecem de ser contadas, recontadas e cantadas. Que o diga o legado deixado por Mazzaropi, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha que por lá passaram, viveram e muito representaram sobre nossa cultura. Bem como acadêmicos que divulgaram o popular e o

erudito da região. Enfim, uma gama de riquezas culturais que foram representadas nos campos das linguagens, das ciências de das artes.

Por tudo isso, tanto ver como reler esse mundo é preciso.

notas

[1] "Abriga remanescentes da Mata Atlântica situados numa região em que a altitude varia de 1.200 a 1.900 metros. Esse fator geográfico associado a fatores climáticos, como alta pluviosidade e temperaturas médias que variam entre 20° e 33° C, mas que podem chegar à mínima de 0° C no inverno, contribuem para que a Serra da Bocaina abrigue uma grande diversidade de ambientes". https://uc.socioambiental.org/uc/582902. Acesso em: 17 nov. 2018.

[2] Bananal foi erguida em uma região ocupada pela etnia indígena dos Puris. O aldeamento existiu entre a Serra da Mantiqueira e florestas do Sertão do Bocaina, se estendendo até a região onde se encontra a cidade. O rio que cortava a localidade foi batizado por eles com o nome *Banani*, que significa "rio sinuoso". O nome da cidade teria surgido daí. Primeiro com a corruptela "Bananá" e, por fim, Bananal. https://www.ba-nanal.sp.gov.br/cidade. Acesso em: 17 nov. 2018.

- [3] Retirado em: https://www.bananal.sp.gov.br/cidade/simbolos-municipais/. Acesso em: 20 nov. 2018.
- [4] Mais informações em: http://www.institutoestradareal.com.br/.
- [5] A Pharmacia Popular continua sendo uma farmácia, mas não preservou absolutamente nada de seu passado, exceto fotos expostas logo na entrada da mesma. Isso mostra o descaso do poder público em relação à preservação do patrimônio histórico.
- [6] Calendário de Eventos 2018 de Cunha/SP: http://www.cunha.sp.gov.br/turismo-cultura/festas-e-eventos/. Acesso em: 20 nov. 2018.
- [7] Calendário de Eventos 2018 de Paraty/RJ: http://www.paraty.com.br/ blog/calendario-de-eventos-em-paraty-2018/. Acesso em: 20 nov. 2018.

referências

ARCCO (Associação Roteiros Caminhos da Corte). Estrada dos Tropeiros. **Caminhosdacorte.com.br**, São José do Barreiro, 16 ago. 2014. Disponível em: http://caminhosdacorte.com.br/2014/08/16/estrada-dos-tropeiros/. Acesso em: 17 nov. 2018.

BASTOS, Julia Silva. A dinâmica da paisagem da Bacia do Rio Bananal, no Vale do Paraíba do Sul: contribuição para a construção da paisagem sustentável. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CAMINHOS da reportagem: Vale do Paraíba. 1 vídeo (50 min). Publicado pelo TV Brasil, 12 jul. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vHoXmE_skjA. Acesso em: 20 nov. 2018.

FAGUNDES, Joaquim Roberto. João Barbosa de Camargo: povoador do Bananal. Valedoparaibaarquivoshistoricos.blogspot.com. 21 maio de 2016. Disponível em: http://valedoparaibaarquivoshistoricos.blogspot.com/2016/05/vida-e-testamento-de-joao-barbosa-de.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

IBGE. **Dados censo 2010**: estado de São Paulo. 2010 Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=35. Acesso em: 17 nov. 2018.

LOBATO, Monteiro. Cidades mortas. São Paulo: Brasiliense, [1919] 1984.

MORENO, Breno Aparecido Servidone. **Demografia e trabalho escravo nas propriedades rurais cafeeiras de Bananal, 1830-1860**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. **Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil**. Pariz: Em Casa de J. P. Aillaud, Editor, 1845. University of Wisconsin Library.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA). Estação Ecológica Bananal inicia ciclo de capacitações voltado para trade turístico da região. **sp.gov.br**, São Paulo, 18 nov. 2016. Disponível em: http://fflorestal.sp.gov.br/estacao-ecologica-bananal-inicia-ciclo-de-capacitacoes-voltado-para-trade-turístico-da-regiao/. Acesso em: 19 nov. 2018.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto nº 43.193, de 03 de abril de 1964**. Declara reserva florestal do Estado de São Paulo as terras situadas no 6.º Perímetro do município de Bananal, glebas 8 e 9, necessárias à conservação das matas e preservação da flora e da fauna. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1964/decreto-43193-03.04.1964.html. Acesso em: 17 nov. 2018.

SÃO PAULO (Estado). **Lei nº 17, de 03 de abril de 1849**. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1849/lei-17-03.04.1849.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

VEIGA, Edison. A longa viagem de Dom Pedro 1º que culminou na Independência do Brasil. **BBC.com**, Milão, 6 set. de 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45428722. Acesso em: 19 nov. 2018.



Carteiras e bancos escolares antigos presentes em uma das salas do casarão Solar Aguiar Valim. Bananal-SP.

Fotografia: Fabíola A. A. Durães.



Relato de Experiência sobre o Estudo do Meio nas cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista

por Debora Cavalcante de Moraes Xavier

resumo

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o Estudo do Meio realizado com as turmas de licenciatura em Geografia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), na disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia II, ministrada no segundo semestre de 2018. O objetivo do trabalho foi proporcionar aos alunos uma leitura e análise das cidades históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista, com uma contextualização socioeconômica e cultural a partir de uma metodologia, dentre as diversas possibilidades existentes, o Estudo do Meio. Participaram do estudo duas turmas, vespertino e noturno. Ao longo do semestre os alunos tiveram acesso às leituras e aos debates sobre as possibilidades existentes nessa metodologia, familiarizando-se com experiências anteriores. Foram realizadas as etapas pré-campo, campo e pós-campo, bem como a apresentação final com as conclusões do trabalho. A experiência permitiu a vivência de uma metodologia importante no processo de ensino e aprendizagem, tanto da educação básica, como do ensino superior.

palavras-chave

Estudo do Meio - Licenciatura - Geografia.

Report of Experiment on the Milieu Analysis in the historical cities of the Paraíba do Sul Paulista Valley

by Debora Cavalcante de Moraes Xavier

abstract

This article refers to an experiment report on the Milieu Analysis which was carried out with the Geography undergraduate students at the Faculty of Education of the University of São Paulo (FE-USP), in the discipline of Geography Teaching Methodology II, taught at the second semester of 2018. The objective of the work was to provide the students with reading and analysis of the historic cities of the Paraíba do Sul Paulista Valley, with a socioeconomic and cultural contextualization based on a methodology, among the several existing possibilities, the Milieu Analysis. Two groups have participated in the study, one in the afternoon and the other in the evening. Throughout the semester, the students have been accessed to readings and debates about the existing possibilities in this methodology, familiarizing themselves with previous experiments. The pre-field, field and post-field study stages were carried out, as well as the final presentation with the conclusions of the task. The investigation has allowed the experimentation of an important methodology in the process of teaching and learnig, both in basic and in higher education.

key words

Milieu Analysis - Geography Teacher Preparation - Geography Degree.

Relato de experiencia sobre el Estudio del Medio en las ciudades históricas del Vale do Paraíba do Sul Paulista

por Debora Cavalcante de Moraes Xavier

resumen

Este artículo trata de un relato de experiencia sobre el Estudio del Medio realizado con las clases de profesorado en Geografía en Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), en la disciplina de Metodología de la Enseñanza en Geografía II, ministrada en el segundo cuatrimestre de 2018. El objetivo del trabajo fue proporcionar a los alumnos una lectura y análisis de las ciudades históricas del Vale do Paraíba do Sul Paulista, con la contextualización socioeconómica y cultural a partir de una metodología, adelante de amplias posibilidades existentes, el Estudio del Medio. Participaron del estudio dos clases, de la mañana y la nocturna. A lo largo del cuatrimestre los alumnos tuvieron acceso a lecturas y discusiones sobre las posibilidades existentes en esa metodología, aproximándose con experiencias anteriores. Fueron realizados momentos de campo prévio, campo y post-campo, así como la monografía final con las conclusiones del trabajo. La experiencia permitió la vivencia de una metodología importante en el proceso de enseñanza y aprendizaje, tanto de la educación básica como de la enseñanza universitaria.

palabras clave

Estudio del Medio - Profesorado - Geografía.

introdução

O Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) da FE-USP destina-se aos alunos da pós-graduação, mestrado e doutorado, e tem como objetivo principal aprimorar sua formação na atividade docente de graduação.

O programa constitui-se em duas etapas, sendo a primeira uma preparação pedagógica, como cursar uma disciplina de pós-graduação cujo conteúdo seja voltado às questões da Universidade e do Ensino Superior. A segunda etapa constitui-se em um estágio supervisionado em docência, que deve ser realizado em uma disciplina de graduação e numa unidade de ensino cuja área do conhecimento seja pertinente ao curso do estagiário.

Como parte da minha formação acadêmica, executei estágio do PAE junto à disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia II, sob a supervisão da Prof.ª Dr.ª Núria Hanglei Cacete, no segundo semestre de 2018, com as turmas do vespertino e noturno do curso de licenciatura em Geografia na FE-USP.

Como parte do programa dessa disciplina, foi privilegiado o Estudo do Meio como metodologia de ensino. Por ser esta cheia de possibilidades, trata-se de uma experiência de ensino e aprendizagem bastante útil na Geografia, especialmente por permitir a interdisciplinaridade.

Esta metodologia se constitui em três etapas, sendo a primeira o Pré-campo, quando ocorre a escolha do lugar, formação dos grupos, os recortes temáticos para os estudos das realidades, o levantamento bibliográfico, as pesquisas bibliográficas, análises de dados, confecção de projetos, mapas, roteiros e o que mais seja necessário.

A segunda etapa é o Trabalho de Campo. Nessa etapa há o enfrentamento entre os dados levantados, pesquisados e estudados com a realidade encontrada no local.

A terceira etapa é o Pós-campo. Nesse momento ocorre a construção de um trabalho que reúna as etapas anteriores e apresente esse processo com as conclusões obtidas pelo grupo.

Em 2004, enquanto aluna dessa mesma disciplina, tive a oportunidade de acompanhar a primeira edição deste Estudo do Meio às Cidades Históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista. Os ganhos para minha formação como Geógrafa e professora foram significativos. Já em 2018,

ao acompanhar e auxiliar os diversos grupos de alunos da licenciatura, pude fazer uma releitura de minha prática como docente da educação básica e aprimorá-la para uma futura docência no ensino superior.

arcabouço teórico

As referências bibliográficas da disciplina Metodologia do Ensino de Geografia, cooperaram para a construção do conhecimento dos alunos, estimulando-os a interações e debates sobre os assuntos estudados e, também, preparando-os para o momento do Estudo do Meio.

Dentre as temáticas propostas, seria interessante destacar o que aborda Vasconcellos (1992), que faz uma crítica à metodologia expositiva da educação tradicional, especialmente por ainda ser amplamente utilizada, tornando-se um obstáculo ao educador, uma vez que não tendo experiências consistentes com outra metodologia não expositiva, terá dificuldades em construir uma nova concepção. Sendo assim, faz-se necessário romper com esse modelo ainda no momento de sua formação, para possibilitar, pela experiência, outros caminhos metodológicos.

Ele ressalta que a educação tradicional, utilizando-se da metodologia expositiva, apresenta um grande risco de não aprendizagem, e a pouca interação entre professor e aluno pode tornar esse aluno um ser passivo, o que traria consequências problemáticas do ponto de vista social e político, visto que, dessa forma, o desenvolvimento do senso crítico tornar-se-ia comprometido.

Vasconcellos (1992, p. 29) propõe, desta maneira, a metodologia na perspectiva dialética que "entende o homem como um ser ativo e de relações" e constitui-se em um "conhecimento que é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo". Sendo assim, o professor deve oferecer um tema, um problema ou discussão e o aluno deve pensar sobre ele, reelaborar pela análise, argumentação e reflexão e, assim, construir um conhecimento próprio.

O professor dirige esse processo, dividindo-o em três fases distintas, que se deslocam do abstrato para o concreto:

- Mobilização para o conhecimento: quando se provoca o interesse e sensibilização pelo conhecimento, dando significado ao objeto. É importante que se estimule a curiosidade e seja criada uma situação que motive a vontade pelo conhecimento, o que, segundo Libâneo (1985, p.

145), ocorre quando há a "colocação clara do assunto, ligação com o conhecimento e a experiência que o aluno traz, proposição de um roteiro de trabalho, formulação de perguntas instigadoras". Para que isso seja possível, é importante conhecer seus alunos, o que fazem, quais curiosidades possuem, bem como o que gostam de ler, ouvir ou assistir, pois assim são utilizados elementos de sua realidade para sensibilizar e estimular seus interesses pelo que será apresentado.

- Construção do conhecimento: nessa etapa há o confronto entre o sujeito e o objeto. Aqui se constrói o conhecimento por uma elaboração de relações, e esta deve buscar ser significativamente ampla. A interação aqui é intensa e o professor deve contribuir e colaborar para que o aluno consiga, a partir de sua própria análise, decifrar e construir esse conhecimento.
- Elaboração da síntese do conhecimento: nessa etapa há uma sistematização dos conhecimentos adquiridos e a produção de sua apresentação, sendo que esta, revisitada, pode sofrer alterações, uma vez que é provisória. Nesse momento do processo de ensino e aprendizagem, o aluno pode construir seu próprio conhecimento e expressá-lo de forma oral, artística, escrita, gráfica etc.

No decorrer das aulas, a cada atividade proposta, textos analisados e debates realizados, havia por parte da docente o cuidado de permitir, estimular e até provocar ações autônomas por parte dos alunos. A despeito da compreensão conceitual sobre a autonomia ser essencial ao processo educativo, foi notório que, quando requerida essa autonomia em um ambiente culturalmente heterônomo, a sala de aula, foi um desafio para uma grande parte deles.

De acordo com Contreras (2002), a autonomia deve ser aprendida, uma vez que não se trata de uma qualidade profissional, mas de uma qualidade do fenômeno educativo. Numa metodologia tradicional, o contato com o conceito de autonomia se daria, provavelmente, através de uma aula expositiva dos pontos importantes culminando na produção de uma atividade, encerrando-se o tema. Por essa razão, uma parte muito relevante e marcante desse estágio foi a percepção de que a autonomia ensinada aos alunos se deu pelas oportunidades e/ou necessidades de exercê-la.

O ambiente do trabalho cooperativo, que exige respeito mútuo e autogoverno, era constantemente solicitado pela docente e, segundo Contreras (2002), é ideal para a construção de personalidades autônomas, afinal ela não é uma capacidade individual, pois se constrói num processo de situações sociais. Sendo assim, é essencial que um professor passe por um processo formativo em que possa colaborar para a construção dessa autonomia pessoal e, também, profissional.

Esse aprendizado foi um processo importante a fim de preparar os alunos para o desenvolvimento do trabalho de Estudo do Meio que foi proposto.

sobre a metodologia Estudo do Meio

O Estudo do Meio é uma metodologia que, dentre tantas outras, foi privilegiada na disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia II devido ao seu grande potencial pedagógico para essa Ciência e, também, pelo seu potencial de interdisciplinaridade.

Essa metodologia se divide em três etapas: Pré-Campo; Trabalho de Campo; e Pós-Campo.

A docente utilizou de seus conhecimentos geográficos, bem como o que já sabia sobre seus alunos para articular ideias e provocações ao apresentar o projeto de Estudo do Meio e, assim, estimular as primeiras impressões abstratas sobre o que seria trabalhado.

Diante do roteiro proposto, o Estudo do Meio se daria ao longo de 15 aulas, sendo que as primeiras, quando ocorreria o Pré-Campo, seriam dedicadas à formação dos grupos de trabalho, definição do tema, pesquisa bibliográfica, de imagens cartográficas, de notícias relacionadas à região, preparação de um recorte temático, construção das hipóteses e produção do roteiro. Ao longo dessas semanas, na condição de estagiária, juntamente com a professora, apoiamos e orientamos cada grupo, levantando questionamentos sobre o que propunham, ouvindo suas dúvidas, fazendo contribuições, orientando sobre a necessidade de um recorte mais conciso, trazendo provocações que deveriam ser consideradas nessa primeira fase do pré-campo.

As pesquisas nesta fase ocorreram em grande parte no Laboratório Integrado de Educação e Tecnologia (LIET) da FE-USP, onde as ferramentas de geolocalização foram intensamente utilizadas, a fim de produzir roteiros e demarcações de caminhos. No mesmo ambiente, produziram um pré-projeto, a fim de fazerem um acompanhamento escrito,

roteirizado e sintetizado do que pretendiam com sua pesquisa, permitindo uma maior organização das ideias. Estes foram apresentados aos demais grupos, o que deu a oportunidade de serem questionados, bem como receberem contribuições.

Tais encontros exigiram um nível alto de comprometimento e autonomia dadas às necessidades a serem supridas para a pesquisa, o que na maioria dos casos correspondeu satisfatoriamente.

Na aula anterior ao Trabalho de Campo, os grupos apresentaram o roteiro de seus trabalhos, agora mais estruturados e consistentes.

Na saída para o Trabalho de Campo, cada aluno recebeu um roteiro preparado pela docente com os mapas dos municípios que seriam visitados: Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal, bem como as rodovias de acesso, Rodovia Presidente Dutra e Rodovia dos Tropeiros. Também foi entregue um roteiro detalhado de cada local que visitaríamos, apresentando o contexto histórico e dados geográficos. Os aspectos sociais e econômicos eram destacados em cada parada a fim de auxiliar na construção do conhecimento, especialmente sobre o período do ciclo do café na região.

Considerando ser um grupo de bacharéis e licenciandos em Geografia, a soma de seus conhecimentos mais o que haviam pesquisado para o trabalho, possibilitou uma interessante análise topográfica, observação das curvas de nível, identificação dos Mares de Morros, de áreas de desmatamento e com desgaste do solo. Tudo isso permitiu uma leitura das paisagens pelas quais passamos no caminho, agregando à sua experiência formativa.

"A paisagem revela e esconde sua essência em suas características". Com essa frase a docente passou a provocar o grupo de alunos em uma parada na estrada, permitindo ao grupo observar uma vasta área verde que, para alguns, seria um belo cenário de natureza. Ciente de quem eram seus alunos, ela passou a despertar neles o olhar do geógrafo, que passaram a produzir um grande número de informações que aquela paisagem revelava, como área de Mata Atlântica desmatada, pisoteio de rebanho, solo de horizonte A (raso) e, especialmente, a provocação com as perguntas: "o que aconteceu?", "sempre foi assim?", "por que aqui e não ali?", questionamentos que um professor de Geografia deve constantemente produzir em seus alunos.

A leitura do roteiro no trajeto possibilitou ainda outras interações,

completando as informações que haviam sido previamente levantadas no pré-campo, o que fez do trajeto uma parte integrante e importante do Estudo do Meio. Foi possível entender, passando pela Rodovia dos Tropeiros, porque que a região foi chamada de "Cidades Mortas" por Monteiro Lobato, uma vez que a Rodovia Presidente Dutra fez o papel de interligação entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro de maneira mais rápida e eficiente.

Quando algo complexo como uma rodovia, ou ainda uma estrada de ferro, é construída em alguma localidade, a exemplo das cidades históricas do Vale do Paraíba Paulista, ou mesmo que seja a construção de uma praça ou uma estação de tratamento de esgoto, tal processo mobiliza seres sociais que se envolvem, como políticos, empresários, empreiteiros, operários e moradores da região.

Por vezes, os conflitos que emergem dessas transformações são imediatos, outros, por sua vez, estão latentes, fazendo-se necessário encontrar parte desses seres sociais, a fim de, próximo a eles, descobrir quais foram ou ainda são os conflitos decorrentes daquele processo. Isso ocorre, especialmente, quando da entrevista realizada com eles.

Seguindo o roteiro, em frente a cada ponto visitado, a docente fazia uma breve explicação do uso original e atual. Interessante que sua experiência de catorze anos desse Estudo do Meio permite que ela própria seja um elemento especial ao trabalho, uma vez que seu olhar externo sobre as mudanças que ocorreram ao longo desses anos na região permite uma percepção distinta das que os moradores locais percebem.

O trabalho de campo foi o momento do enfrentamento dos dados que haviam pesquisado com a realidade que encontraram. A cada visitação de casarões, fazendas e comércios, observação de paisagem natural e urbana, entrevistas com atores locais, perguntas aos guias e exploração dos diferentes ambientes pesquisados, vinha a percepção de que parte do que se queria pesquisar não era viável, provocando um reajuste nas ideias e intenções do grupo, bem como no pesquisador que produzia um novo olhar sobre realidades até então não consideradas.

Outro enfrentamento significativo foi com a violência da escravidão. O prévio conhecimento conceitual e literário mostrou-se insuficiente frente ao encontrado nas antigas fazendas de café e em antigas senzalas ainda preservadas. Os guias que conduziram os grupos trouxeram e mostraram construções e objetos utilizados para tortura que foram bastante perturbadores para muitos alunos, dada a concretude que a escravidão passou a possuir com aquela experiência. Depois do silêncio, da autorreflexão, os debates surgiram espontaneamente e passaram a fazer parte do olhar dos alunos no restante do tempo.

Ao término do trabalho de campo, a reunião dos grupos permitiu que trouxessem as recentes impressões colhidas, observações realizadas, a elaboração das ideias apresentadas e a explicação de suas pesquisas. Havia uma atmosfera de mergulho nas temáticas apresentadas, uma inter-relação com os demais trabalhos, interesse pelas pesquisas uns dos outros a fim de aprender e conectar com o que eles mesmos haviam pesquisado. Esse fechamento mostrou-se uma etapa bastante importante, visto que os relatos trouxeram detalhes e nuances de suas observações que dificilmente aparecem no trabalho final. Foi notório o crescimento dos trabalhos e dos indivíduos.

Pontuschka (2004) relatou que durante o trabalho de campo do Estudo do Meio que realizavam, seus alunos se colocaram no lugar dos pescadores nos quais suas entrevistas e pesquisas se baseavam, fazendo relação do que encontraram e ouviram, com sua própria situação de vida. De modo semelhante, houve uma reflexão no Estudo do Meio realizado em 2018 com a professora Núria no que se refere ao silenciamento da voz do preto, bem como no silenciamento de sua história, de sua vida e de suas conquistas.

Muitos alunos olharam para si, como pretos, e refletiram na história dos pretos da região que não tiveram suas vidas consideradas, nem mencionadas na história das cidades históricas que, por sua vez, concentravam os relatos, homenagens e menções às vidas dos grandes fazendeiros e famílias da época áurea da região. Os relatos dos alunos também consideraram que quando a história do preto era contada em algumas fazendas, fazia parte de um momento de espetacularização, não se fazendo questionamentos do que ocorreu e ainda ocorre.

Muitos alunos pretos, observando o contraste do que encontraram ali, bem como o que reconhecem em suas próprias histórias e vivências, externalizaram suas percepções, algumas com tristeza, outras com aguda crítica ao modo como a sociedade ainda aparta a população preta das conquistas e, quando existem, são pouco celebradas.

O pós-campo, foi a apresentação do produto final dos trabalhos

de cada grupo, momento quando também usaram de criatividade para comunicar tais resultados, como vídeos, propostas de roteiro de campo para a educação básica, catálogos, jogos, entre outros. Foi possível vermos um quadro geral da região estudada com a união de tudo o que foi apresentado.

considerações finais

A experiência de acompanhar uma turma de licenciatura de Geografia durante o processo de construção do Estudo do Meio foi sobremaneira enriquecedora para a minha experiência docente. Pude, através da observação da condução de cada aula, bem como das orientações dadas pela docente, perceber na prática como é possível ensinar a autonomia que, segundo Contreras (2002), deve ser aprendida especialmente por não se tratar de uma qualidade profissional, mas de uma qualidade do fenômeno educativo.

Nos momentos onde os alunos eram convidados às ações autônomas, era notório o desconforto de alguns que buscavam, a exemplo de experiências anteriores, a segurança da metodologia expositiva, com a apresentação do ponto, a baixa interação sujeito-objeto e alguma atividade a ser entregue sobre a temática exposta. A manutenção de tal postura permitiu que os alunos compreendessem, gradativamente, seu papel ativo no processo ensino e aprendizagem.

Os locais visitados no trabalho de campo atendiam os trabalhos de um ou mais grupos, porém, cada aluno se beneficiava das reflexões que ocorriam em cada ambiente, uma vez que todos podiam interagir questionando, considerando e contribuindo com o que já haviam pesquisado.

No momento do fechamento do trabalho de campo, a autonomia desenvolvida ao longo da disciplina foi demonstrada na maneira como expuseram suas interpretações do objeto por meio da observação orientada, bem como da investigação e da produção de novos conhecimentos. O compartilhamento de novos olhares e das impressões pessoais contribuiu para um crescimento coletivo sobre as diferentes formas de se ver e perceber as realidades.

O rompimento da fronteira do território da sala de aula que ocorre quando o aluno vai a campo, permitiu, mais uma vez, a ampliação das possibilidades de aprendizados, e desta vez, sendo parte integrante de um Estudo do Meio, permitiu-lhes uma experiência com uma opção metodológica que lhes oferece amplas possibilidades.

A observação de tal movimento possibilitou-me revisitar minha prática docente e suas possibilidades pedagógicas uma vez que vi a reconstrução da minha própria identidade profissional.

Pontuschka (2004, p. 260), com vasta experiência em Estudo do Meio na Geografia, lembra-nos que "o espaço e o tempo não se separam, pois as observações sensíveis permitem uma aproximação concreta com problemas estudados pela história e pela geografia, com questões propostas por alunos e professores. O meio é uma geografia viva".

referências

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo, Loyola, 1985.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transformase... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. *In:* VESENTINI, José William (org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 249-288.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Metodologia dialética em sala de aula. **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 21, n. 83, p. 28-55, abr./jun., 1992. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/formacao/files/2013/12/met-dialt-em-sa-aec.pdf. Acesso em: 20 abr. 2018.



Uma das salas do Hotel e Restaurante Sant'Ana. Areias-SP.

Fotografia: Pablo H. H. Vivanco



O Estudo do Meio e o desenvolvimento do raciocínio geográfico

por Érica Alves Cavalcante

resumo

O presente artigo visa analisar a relevância do Estudo do Meio enquanto metodologia capaz de fomentar o raciocínio geográfico por parte dos alunos, assim como de reafirmar a potência desta metodologia como prática capaz de evidenciar a centralidade do fazer docente autônomo e crítico. Busca-se aqui, por meio do resgate da experiência vivida no Estudo do Meio realizado na disciplina Metodologia do Ensino de Geografia II, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), apresentar reflexões sobre o papel desta metodologia na formação de docentes críticos, capazes de fazer frente a políticas educacionais que interditam sua fala e que concebem os professores como meros técnicos e/ou reprodutores de estratégias pensadas e desenhadas por outras pessoas.

palavras-chave

Estudo do Meio - Raciocínio Geográfico - Atuação Docente.

The Milieu Analysis and the development of geographical thought

by Érica Alves Cavalcante

abstract

The present article aims to analyze the relevance of the Milieu Analysis as a methodology capable of promoting geographical thought by the students, as well as reaffirming the power of this methodology as a practice capable of highlighting the centrality of the autonomous and critical teaching practice. It is sought here, through the rescue of the experiment performed in the Milieu Analysis carried out in the discipline Methodology of Teaching of Geography II, at the Faculty of Education of the University of São Paulo (FE-USP), to present reflections on the role of this methodology in preparing teachers to critical thinking, capable of facing educational policies that interdict their speech and that conceive teachers as mere technicians and / or reproducers of strategies thought and designed by other people.

key words

Milieu Analysis - Geographical Thought - Teaching Practice.

El Estudio del Medio y el desarrollo del raciocinio geográfico

por Érica Alves Cavalcante

resumo

El presente artículo analiza la importancia del Estudio del Medio como metodología capaz de fomentar el raciocinio geográfico de los alumnos, así como permite afirmar la potencia de esta metodología como práctica capaz de elucidar la centralidad del hacer docente autónomo y crítico. Se busca, a través del rescate de la experiencia vivida en el Estudio del Medio realizado en la disciplina de Metodología de la Enseñanza en Geografía II, de la Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), presentar reflexiones sobre el papel de esta metodología en la formación de docentes críticos, capaces de se posicionar delante de políticas educacionales que bloquean sus prácticas y crean profesores técnicos y/o reproductores de estrategias pensadas y desarrolladas por otras personas.

palabras clave

Estudio del Medio - Raciocinio Geográfico - Actuación docente.

introdução

Entre as principais temáticas abordadas na atualidade no que se refere à educação está a utilização de estratégias metodológicas que coloquem os alunos no centro do fazer pedagógico. Muito se fala sobre ensino híbrido, sobre os ganhos para a aprendizagem com a personalização do ensino e com o uso de novas tecnologias, sobre metodologias ativas capazes de tornar a aprendizagem significativa, bem como sobre a importância de modelos pedagógicos considerados inovadores.

Não se pretende negar aqui a relevância de práticas pedagógicas que reconheçam que as relações estabelecidas com o conhecimento em diferentes temporalidades e espacialidades são distintas e se transformam. O que se espera, entretanto, é recrudescer o debate sobre o papel do Estudo do Meio na formação de professores e sobre sua capacidade de mobilizar saberes que possam, efetivamente, tornar a escola um espaço voltado à construção de leituras críticas sobre a realidade. Pretende-se, no limite, fomentar reflexões sobre a frequente associação entre "metodologias ativas" e uso de novas tecnologias.

Ainda que sistemas de informação geográfica possam ser utilizados para que os alunos tenham melhor apropriação das relações espaciais, para que reconheçam escalas de fenômenos etc., excelentes propostas de Estudos do Meio podem ser desenvolvidas com e sem a exploração desses e de outros recursos. Desde que a utilização de cada um deles esteja a serviço do desenvolvimento do raciocínio geográfico dos alunos, toda e qualquer realidade poderá ser melhor compreendida.

Entre as vantagens do uso de novas tecnologias na sala de aula, José Moran (2019) destaca a possibilidade de integração de todos os tempos e espaços. Acredita-se, nesse sentido, que a exploração sistemática e fundamentada de Estudos do Meio na aula de Geografia, apoiadas ou não por algumas das novas tecnologias, também tenha essa capacidade.

A utilização de história oral, por exemplo, associada aos estudos teóricos realizados antes e depois do Estudo do Meio, são suficientes para que os alunos sejam colocados no centro do fazer pedagógico e, consequentemente, para que construam ativamente o conhecimento sobre o espaço e as relações sociais nele estabelecidas.

Isso ocorreu com o Estudo do Meio cuja realização espera-se compartilhar por meio do presente texto e que se mostrou integrador por possibilitar o estabelecimento de relações entre diferentes conhecimentos construídos ao longo do curso de Geografia na USP. Além de fomentar amplas reflexões sobre o fazer pedagógico, sobre a "artesania" pedagógica exigida para que cada etapa do Estudo do Meio faça sentido para os alunos na medida em que possibilite que atribuam sentidos à realidade.

a importância do Estudo do Meio como metodologia de Ensino de Geografia

No artigo "A Geografia está em crise. Viva a Geografia!" Carlos Walter Porto Gonçalves (1978) problematiza, entre outros aspectos, a dificuldade da Geografia em apresentar possibilidades de superação aos problemas que eram vividos em diferentes contextos históricos. Ele evidencia os interesses da classe dominante na apropriação dos saberes científicos; recupera o contexto da afirmação da Geografia enquanto saber institucional e seus usos pela burguesia; apresenta momentos em que a Geografia "Científica" tratara as diferentes formas de organização do espaço e suas desigualdades como a-históricas, além de questionar a atuação do geógrafo quando as relações sociais de produção e os interesses de classe eram desconsiderados na análise geográfica.

O reconhecimento do que Gonçalves chama de Crise da Geografia", no entanto, tinha em si a potencialidade da "elaboração de uma Geografia da Crise, engajada com a superação e comprometida com a afirmação de uma teoria do espaço que seja do e para o homem e não com o espaço da sua opressão" (GONÇALVES, 1978, p. 25). É nessa perspectiva que se insere o presente texto, ou seja, que inserimos o reconhecimento do papel central dos Estudos do Meio no Ensino de Geografia.

No contexto atual em que a relevância do ensino das ciências humanas é questionada e no qual a singularidade dos objetos de cada uma das disciplinas escolares está em risco, o Estudo do Meio é uma metodologia ativa capaz de fomentar o raciocínio geográfico, sendo capaz, portanto, de fazer com que os alunos tenham uma experiência socialmente referenciada, ampliando sua capacidade de estabelecer relações espaços-temporais entre processos e fenômenos.

O Estudo do Meio é uma metodologia que favorece a compreensão, por parte dos alunos, da associação entre a Geografia Científica e a geografia enquanto um conjunto de experiências, práticas e saberes comuns a todos os seres humanos (CLAVAL, 2011). Em campo são favorecidas análises nas quais os alunos podem reconhecer que os conceitos geográficos são socialmente construídos, ou seja, que eles não existem desconectados da realidade. A "imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico" (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 174) pode tornar explícito aos alunos que aquilo que foi racionalizado e organizado pela Geografia enquanto ciência, nada mais é do um conjunto de experiências e saberes práticos (CLAVAL, 2011).

Além de impulsionar a superação do senso comum por parte dos alunos, por meio da análise concreta da realidade, a potência do Estudo do Meio enquanto metodologia também relaciona-se à própria atuação do professor. Todo o fazer pedagógico, ao definir objetivos, desenhar estratégias, construir roteiros etc., fomenta a valorização intelectual do trabalho docente. O trabalho de campo,

Subjaz, portanto, à luta contra uma perspectiva técnica homogeneizadora e homogeneizante de currículo, que ignora o caráter contextual da prática educativa, a concepção de que os professores não são simples reprodutores de conhecimentos e métodos de ensino produzidos por peritos ou especialistas. Mesmo que sob inúmeros condicionamentos, os professores produzem e mobilizam saberes profissionais, a partir do contexto sempre situado de sua prática. (LOPES; PONTUS-CHKA, 2009, p. 175-176).

Na conjuntura contemporânea já referida, o desenvolvimento de Estudos do Meio pode favorecer um posicionamento contrário ao "esvaziamento da criticidade necessária para a compreensão das contradições socioespaciais" (GIROTTO, 2019, p. 197) que caracteriza, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nesse sentido, se faz ainda mais premente o debate sobre o pa-

pel político do uso do Estudo do Meio enquanto uma metodologia ativa. Metodologia que, entre tantas outras, pode ser utilizada pelos professores para ir contra a leitura de mundo ingênua que a proposta da BNCC pode contribuir para construir, conforme esclarece Girotto (2019, p. 198-199):

[...] os conteúdos e concepções de Geografia que norteiam o documento tecem relações diretas com narrativas presentes nas políticas econômicas neoliberais das décadas de 1980 e 1990, em contexto muito semelhante ao da construção dos PCN [Parâmetros Curriculares Nacionais]. Em ambos os contextos, os documentos propostos expressam intencionalidades nas escolhas dos conceitos, conteúdos e concepções, buscando atender as exigências dos principais agentes do mercado de trabalho com vistas à reestruturação produtiva e à adaptação dos currículos escolares a uma nova forma de organização do trabalho, sistematizada na Reforma Trabalhista aprovada em 2017, sem, minimamente, problematizá-la. Com isso, a proposta da BNCC pode contribuir para a construção de uma leitura de mundo ingênua, alienada, desconectada dos acontecimentos históricos e geográficos, na contramão da formação de um sujeito que seja capaz de pensar o seu lugar no mundo em diálogo crítico e colaborativo com outros sujeitos sociais.

A experiência enquanto aluna da disciplina Metodologia do Ensino de Geografia II, ministrada na FEUSP, foi fundamental para a compreensão da relevância dos Estudos do Meio no Ensino de Geografia. Além de fomentar reflexões sobre a historicidade das intencionalidades de seu uso, já que pudemos identificar, por meio da bibliografia básica do curso, os objetivos de anarquistas e escolanovistas em sua utiliza-

ção, todo o percurso desenvolvido na disciplina supracitada promoveu reflexões críticas sobre a potência dessa metodologia no contexto atual marcado por reformas curriculares sob a ótica neoliberal.

Todas as etapas de trabalho desenvolvidas no Estudo do Meio fizeram com que experienciássemos estratégias metodológicas importantes que, enquanto docentes, podemos (re)significar para mediar o antes, o durante e o depois de trabalhos de campo que realizaremos com nossos alunos. As pesquisas prévias e a definição de um tema específico para estudo em Bananal permitiram que, enquanto professores em formação, refletíssemos sobre a característica efetivamente integradora dos Estudos do Meio (PONTUSCHKA et al., 1991).

reflexões sobre o recorte de pesquisa realizado pelo grupo de trabalho que participei do Estudo do Meio na disciplina Metodologia do Ensino de Geografia II

No estudo sobre as características espaciais e a história de Bananal, meu grupo de trabalho [1] se interessou pelo Lar dos Idosos de Bananal. Inspirados pela obra "Memória e Sociedade: lembrança de velhos", de Ecléa Bosi (1994), esperávamos (re)construir as relações daqueles senhores e senhoras com a cidade de Bananal. Queríamos, por meio de suas memórias, identificar relações espaciais transformadas e/ou que se tornaram inexistentes em decorrência de transformações operadas no processo contínuo de (re)construção do espaço.

Naturalmente, imaginávamos que poderíamos ouvir histórias que nos sensibilizassem, o que, de fato, ocorreu. O que eu não esperava é que compreenderia de maneira tão evidente como o Estudo do Meio pode favorecer a leitura do espaço social, tendo a história oral como principal fonte.

Em campo, ao conhecermos um pouco das histórias de alguns dos moradores do Lar dos Idosos de Bananal, estabelecemos conexões, identificamos a extensão, localização e distribuição de alguns fenômenos que marcam a história, a geografia e as sociabilidades em Bananal. Compreendemos como as pesquisas prévias, a observação direta e/ou orientada (pelo roteiro proposto pela disciplina), a

[...] organização e seleção de depoimentos variados, o tratamento crítico da informação, a problematização e interpretação resultantes oferecem caminhos demasiadamente ricos para o estabelecimento de relações mais estreitas entre teoria-prática e entre conteúdo e método. (PONTUSCHKA et al., 1991, p. 46).

O trabalho em campo e os estudos teóricos desenvolvidos previamente demonstraram o potencial estratégico do raciocínio geográfico no mundo contemporâneo e a sua relevância para que os alunos reconheçam a potência das aulas de Geografia. Além de tornarem explícito como o referido método pode ser utilizado para superar a perspectiva conteudista que marca o ensino de Geografia. Nesse sentido, acredita-se o trabalho de campo pode ser utilizado para diminuir o

[...] distanciamento entre a geografia da educação básica e o raciocínio geográfico foi historicamente construído, possuindo o objetivo de impedir que mais sujeitos tenham acesso a este conhecimento considerado essencial para a reprodução das estruturas de poder em diferentes épocas, inclusive no mundo contemporâneo. (GIROTTO, 2015, p. 77).

O trabalho de campo que desenvolvemos mostrou-se integrador, não apenas facilitou integração entre professor-alunos e entre alunos-alunos, mas também porque fez com que recuperássemos saberes de diferentes disciplinas do curso de Geografia, porque estimulou reflexões sobre a experiência espacial daqueles que entrevistamos, levando ao desenvolvimento do pensamento espacial na análise de uma dada realidade.

No que se refere à integração com os colegas, a experiência de estar em campo marca um outro tempo pedagógico. Não é o tempo da sala de aula, tão caracterizado pela pressa, pela exigência do cumprimento de um programa de curso. O tempo do estudo de meio é outro. Os conhecimentos derivam de conversas, de análises, de observações,

de visitas, do olhar aguçado e direcionado etc. No contexto específico do Estudo do Meio aqui relatado, pude, como uma estudante que estava prestes a se formar, conversar com colegas que nunca havia conversado. Pude conhecer um pouco de suas histórias e refletir sobre como suas convições sobre o fazer geográfico orientavam as escolhas de temas e narrativas construídas sobre Bananal.

Os diálogos com os moradores do Lar de Idosos de Bananal demonstraram que não conseguiríamos descobrir muito sobre suas relações espaciais com a cidade de Bananal porque muitos deles tinham, originalmente, vivido nas cidades do entorno e, no momento da velhice, sido deixados no lar por seus familiares. Dessa maneira, se tivéssemos que mapear algo, talvez pudéssemos mapear os vazios deixados pelo abandono, pudéssemos cartografar a saudade de um tempo que nossos entrevistados diziam saber que não mais voltaria.

O diálogo com um dos senhores, no entanto, pareceu-me ainda mais esclarecedor sobre a potência pedagógica dos Estudos do Meio para as aulas de Geografia. Ao relatar ter começado sua vida de trabalhador como auxiliar de pedreiro e, depois, com muito orgulho, explicitar que se conquistara o cargo de pedreiro, o referido senhor explicou que não viveu muito tempo em Bananal ou em qualquer uma das cidades do entorno porque, conforme ele mesmo destacava, estava onde o trabalho estivesse.

Naquele momento da entrevista, alguns conceitos estudados na disciplina "Migrações e Trabalho", fizeram ainda mais sentido. Refletia como, enquanto professora, poderia fazer com que alunos do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio compreendessem como a (re)produção do capital se materializa, como sua dinâmica impacta, transforma e determina a vida cotidiana de todos. As migrações determinadas pela disponibilidade de trabalho poderiam ser exploradas com base no depoimento desse senhor, visando, por exemplo, a compreensão do seguinte trecho de Gaudemar (1977, p. 189),

[...] o trabalhador deve ser livre, dispondo à sua vontade da sua força de trabalho como de uma mercadoria que lhe pertence; em segundo lugar, não deve ter qualquer outra mercadoria para vender; deve ser, por assim dizer, livre de tudo, completamente desprovido das coisas necessárias à realização da sua força de trabalho.

A visita ao Lar dos Idosos de Bananal trouxe, além de reflexões sobre o "descarte" daqueles que não são economicamente produtivos no mundo capitalista, a análise sobre a riqueza das apropriações pedagógicas que podem ser feitas com uso dos Estudos do Meio.

considerações finais

A potência dos Estudos do Meio está, portanto, relacionada a vários fatores, entre eles destacamos: o papel ativo na construção do conhecimento por professores e alunos; o fomento à criticidade sobre o fazer pedagógico quanto a associação sistemática entre o uso de novas tecnologias e a atribuição de significado à aprendizagem nas aulas de Geografia e, principalmente, sua efetividade no desenvolvimento do raciocínio geográfico quando o Estudo do Meio não é confundido com uma mera saída do espaço escolar.

Façamos do uso desta metodologia ativa, portanto, um dos caminhos para a afirmação de uma teoria do espaço que não seja opressora, como já destacara Gonçalves na década de 1970.

nota

[1] O grupo de trabalho foi constituído por Amanda Cristina Benedetti, Cintia Ferreira da Silva, Joilson Garcia e Julio Witer. Elaboramos como trabalho final um vídeo intitulado "Vales e morros, morros de morte: diálogos em travessia" que está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Yt5LXCSnrGk&feature=youtu.be.

referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CLAVAL, Paul. Terra dos homens: a geografia, uma apresentação. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 29, p. 80-86, 2011. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74188. Acesso em: 15 mar. 2020.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editora Estampa, 1977.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Ensino de geografia e raciocínio geográfico: as contribuições de Pistrak para a superação da dicotomia curricular. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 5, n. 9, p. 71-86, jan./jun., 2015. Disponível em: http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/144. Acesso em: 15 mar. 2020.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Da geografia da BNCC às geografias das escolas: tensões e resistências. *In:* CÁSSIO, Fernando; CATELLI JUNIOR, Roberto. **Educação é a base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019. p. 195-204.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A geografia está em crise. Viva a geografia! **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 55, p. 5-29, 1978. Disponível em: https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1050. Acesso em: 15 mar. 2020.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360. Acesso em: 15 mar. 2020.

MORAN, José. **Metodologias ativas de bolso**: como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib *et al.* O estudo do meio como trabalho integrador das práticas de ensino. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 70, p. 45-52, 1991. Disponível em: https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/927. Acesso em: 15 mar. 2020.



Igreja Matriz Sant'Ana. Areias-SP. Fotografia: Robson Ferreia.



Entre memória(s) e história(s): o Estudo do Meio como prática pedagógica para o Ensino de Geografia

por Beatriz Pereira Silva

resumo

O presente artigo é fruto de uma atividade desenvolvida na disciplina "Metodologia do Ensino de Geografia II" que propõe refletir sobre o planejamento e execução preparatória de um Estudo do Meio na região do Vale do Paraíba, pensado para estudantes do Ensino Fundamental II, enquanto ferramenta pedagógica para o Ensino de Geografia e as relações raciais. Essa proposta viabiliza a análise dos processos históricos, das espacialidades e temporalidades próprias das práticas sociais dessa região e destaca as vozes que foram silenciadas pela história e memória oficiais que valorizam o discurso da oligarquia local, representado pelos fazendeiros. Igualmente, discute os resultados obtidos na visita preliminar.

palavras-chave

Vale do Paraíba – Ensino de Geografia – Estudo do Meio - Relações Raciais.

Between memory (s) and history (s): the Milieu Analysis as a pedagogical practice for Geography Teaching

by Beatriz Pereira Silva

abstract

This present article is the result of an activity developed in the discipline "Methodology of Geography Teaching II" that proposes reflecting on the planning and preparing a Milieu Analysis carried out in a region called Vale do Paraíba, meant to Elementary School students, as a pedagogical tool for Geography Teaching and racial relations. This proposal intends to analyze the historical processes, the spatialities and the temporalities inherent to the social practices of this region and highlights the voices silenced by the official history and memory which value the discourse of the local oligarchy, still represented by the farmers. In addition, it reviews the results obtained in the preliminary visit.

key words

Vale do Paraíba – Teaching Geography – Milieu Analysis - Racial Relations.

Entre memoria(s) e história(s): el Estudios del Medio como práctica pedagógica para la Enseñanza en Geografía

por Beatriz Pereira Silva

resumen

El presente artículo es resultado de una actividad desarrollada en la disciplina "Metodología de la Enseñanza en Geografía II" que propone reflexionar sobre el planeamiento y ejecución preparatória de un Estudio del Medio en la región del Vale do Paraíba, pensado para estudiantes de la Secundaria, como herramienta pedagógica para la Enseñanza de Geografía y las relaciones raciales. Esa propuesta viabiliza el análisis de los procesos históricos, de las espacialidades y temporalidades propias de las prácticas sociales de esa región y visibiliza voces que fueron silenciadas por la historia y memoria oficiales que, por su vez, valoran el discurso de la oligarquía local, representado por los terratenientes. Igualmente, discute los resultados obtenidos en la visita previa.

palabras clave

Vale do Paraíba – Enseñanza de Geografia – Estudio del Medio – Relaciones Raciales.

introdução

O presente artigo é resultado do Estudo do Meio desenvolvido na disciplina "Metodologia do Ensino de Geografia II", que teve como área de estudo a região do Vale do Paraíba. A visita preliminar foi realizada nos dias 11 e 12 de Novembro de 2017. Essa atividade propôs simular, planejar e desenvolver uma pesquisa com estudantes do Ensino Fundamental II [1], de forma a destacar a importância das práticas empíricas para o Ensino de Geografia.

O Vale do Paraíba, localizado entre as regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, possui importante relevância histórica e geográfica. Durante o século XIX, ganhou destaque com a economia cafeeira, que transformou aquele espaço e as relações sociais. Os barões de café investiram nessa região, financiando obras para o escoamento do grão, modificando toda dinâmica econômica e social das cidades do Vale, dentre elas, a cidade de Bananal.

Nesse contexto, o tema adotado para o desenvolvimento do Estudo do Meio, na cidade de Bananal e entorno, propunha refletir sobre o Ensino de Geografia e as relações sociais, isso porque, como antiga região cafeeira, o Vale do Paraíba concentrou importante número de escravizados, utilizados como mão-de-obra nas fazendas de café. Compreende-se, portanto, que a racialidade, assim como a estrutura escravagista, se expressam, ainda hoje, nas relações sociais e está circunscrita no espaço geográfico de Bananal e entorno.

Assim, a metodologia pensada para o desenvolvimento desse tema está na importância da leitura do espaço por meio de suas formas, memórias, documentos e das paisagens. Sendo os habitantes da região uma parte essencial deste mosaico, as diferentes possibilidades e concepções do conjunto desses sujeitos sociais compõem e organizam o espaço da cidade.

Almejou-se, portanto, encontrar na fala e memória dos sujeitos vestígios das relações sociais daquele lugar, além de identificar as rugosidades do espaço, uma vez que, como sugere Milton Santos (2012, p. 140), "a forma é herdada e revela práticas sociais pretéritas circunscritas no espaço por determinados grupos, em dado lugar e período histórico". Análise que igualmente estimula a reflexão acerca das disputas de poder evidenciadas através de discursos, histórias e memórias.

Dessa forma, o presente artigo vislumbra refletir brevemente sobre a atividade de Estudo do Meio proposta pensando no potencial de sua aplicação para estudantes do ensino básico, enquanto ferramenta pedagógica para o Ensino de Geografia e as relações raciais, bem como refletir sobre os resultados e impressões obtidas em campo.

Estudo do Meio: uma ferramenta pedagógica para o Ensino de Geografia

Compreendido como uma metodologia ativa, o Estudo do Meio é constituído pelas etapas de pré-campo, campo e pós campo. O campo é o momento de síntese do educando, onde o sujeito apreende, observa, descobre e se conecta com o meio mais próximo e mais amplo. É, portanto, o momento de abstração que, igualmente, abrange a formação do educando como sujeito e cidadão e, permite, tanto ao educando quanto ao educador, o envolvimento com a pesquisa. Dessa forma, como fim em si mesmo, tem um valor mais informativo, ao passo que o educando vai a campo e incorpora os conhecimentos ali expostos (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Como técnica, a etapa de campo representa o "saber ver a paisagem", isto é, constitui-se como um modo sistemático onde "[...] aos poucos, o aluno aprende a ver e analisar, desenvolve a observação e a crítica, com base na realidade em estudo" (PONTUSCHKA, 2004, p. 256), pois, entra em contato com as dinâmicas sociais de determinado espaço.

No caso específico da Geografia, o **saber ver** e **saber analisar** a paisagem, é algo mais profundo, já que "o meio é uma geografia viva" (PONTUSCHKA, 2004, p. 260), pois, o espaço não é estático, senão dinâmico, e as formas temporais e espaciais dialogam com o sujeito e suas vivências.

O campo, concomitante, o momento no qual o estudante realiza a construção e **síntese** do conhecimento [2]. Segundo Celso dos Santos Vasconcellos (1992, p. 30), a síntese:

É a dimensão relativa à sistematização dos conhecimentos que vêm sendo adquiridos, bem como da sua expressão. O

trabalho de síntese é fundamental para a compreensão concreta do objeto. Por seu lado, a expressão constante dessas sínteses (ainda que provisórias) é também fundamental, para possibilitar a interação do educador com o caminho de construção de conhecimento que o educando está fazendo.

Nesse aspecto, é no Estudo do Meio *in loco* que surgem as inquietações dos educandos, uma vez que a prática do saber ver e do saber analisar são estimuladas. Assim, "no Estudo do Meio, o aluno expressa o desejo de compreender o espaço do qual faz parte ou os espaços mais distantes, que aguçam o seu desejo de conhecer" (PONTUSCHKA, 2004, p. 260), daí a importância dessa atividade pedagógica.

No Estudo do Meio proposto na referida disciplina o saber ver e analisar o espaço geográfico seria mediado pelo educador. Dessa forma, seria levantado, junto aos estudantes, questões relacionadas ao tipo de trabalho realizado naquela região, quem eram os sujeitos-trabalhadores, as relações de poder, os lugares de memória [3] (fazendas de café, senzala, edifícios públicos antigos, fala dos sujeitos etc.) (NORA, 1993), a transformação do espaço, em suma, as relações sociais.

O objetivo então seria o de proporcionar aos estudantes o contato direto com a realidade da cidade, a coleta de dados obtidos por meio de conversas e entrevistas com moradores locais, ao vincular, a partir de suas histórias pessoais, a natureza do meio e a comunidade e, revelar as relações sociais presentes no cotidiano bananalense.

Para tanto, seria necessário a realização do **trabalho de gabinete** (**pré-campo**), isto é, desenvolver um trabalho de pesquisa bibliográfica com os estudantes em sala de aula, num momento anterior a saída, para que eles possam eleger o objeto de estudo (o que vão estudar em campo) e planejar como farão para estudar esse objeto (metodologia de pesquisa). Proposta igualmente articulada ao ensino de pesquisa para os estudantes do nível básico [4].

Bananal e entorno: cidades de memórias vivas

As cidades do Vale do Paraíba passaram por intensas transformações socioespaciais no auge da economia cafeeira, no século XIX, e Bananal se destacou como importante centro econômico da região.

Nesse momento, formas espaciais foram produzidas e, ainda hoje, fazem parte do cotidiano da população bananalense, como é o caso das fazendas de café que representam não só uma forma, mas também um modo de vida, um sistema econômico e as relações sociais pretéritas.

Esses sistemas de objetos agregados ao espaço nesse período tornaram-se obsoletos ao próprio processo de reprodução social e a cidade passou por um processo de desvalorização, ao ponto de ser reconhecida como uma cidade morta, que se pressupõe, sem história, sem memória.

O processo de obsolescência da cidade, numa perspectiva capitalista, é o que tem atribuído tal denominação, mas cabe refletir com os estudantes, sobre a população e dinâmica local que contempla distintos sujeitos, memórias e histórias que atuam nesse espaço. Nessa perspectiva, a ideia de cidade morta é considerada equivocada, ao passo que as ações vinculadas ao dinamismo econômico e, além disso, a dimensão cultural, ocorrem e (r)existem nesse espaço geográfico.

entre memória(s) e história(s): uma breve reflexão sobre as "disputas" em Bananal

Nos últimos anos, Bananal e algumas cidades do Vale do Paraíba tem indicado o interesse na patrimonialização (de elementos) da região, na tentativa de fomentar o dinamismo econômico das cidades do Vale. Assim, algumas atividades turísticas que remontam o período histórico de maior relevância econômica-social dessa área, têm se destacado. Como exemplo desse movimento, foram criadas as visitas às antigas fazendas de café que, em sua maioria, preservam a arquitetura e estrutura original.

A essa qualidade de turismo, denomina-se **Turismo Cultural** que compreende a valorização de bens materiais e imateriais, que expres-

sam ou revelam a memória e a identidade das populações e comunidades de determinada região (BRASIL, 2010) [5].

Entretanto, o que se propõe discutir, refletir e reivindicar é o interesse em remontar a história do período cafeeiro dessa região, atrelado ao discurso e memória dos proprietários de terra e donos de escravizados. Uma narrativa que oprime a história da população escravizada que sofreu os mais diversos abusos e violências.

Dessa forma, a proposta do Estudo do Meio realizado com os estudantes pressupõe a incorporação, em suas análises, dos processos históricos, das espacialidades e temporalidades próprias das práticas sociais, além de destacar as vozes que foram silenciadas pela história e memória oficiais que, no presente estudo, valorizam a narrativa da oligarquia local, representada pelos fazendeiros.

Nessa perspectiva, o conceito de **memórias subterrâneas**, proposto por Michael Pollak (1989), parece adequar-se a essa discussão. Segundo esse autor, essas memórias representam a análise dos excluídos, marginalizados e das minorias suprimidas pela memória oficial. Constituem-se, portanto, como uma contraposição ao discurso hegemônico e viabiliza outras narrativas.

Nesse caso, propõe-se confrontar a história contada e reproduzida pelos donos das fazendas de café para dar lugar às falas, narrativas e memórias dos sujeitos da cidade de Bananal e entorno, numa perspectiva contra hegemônica.

visita preliminar: conhecimento prévio da área de estudo

Todo Estudo do Meio possui como uma das etapas uma organização e preparo, não só por parte dos estudantes, mas também pelo educador. Dessa forma, "os possíveis locais a ser pesquisados são arrolados, discutidos e visitados para conhecer qual deles melhor atende aos objetivos de cada disciplina" (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 176). O momento que antecede a saída conta, portanto, com o planejamento e conhecimento da área a ser estudada.

A visita pressupõe uma "preparação prévia, com a definição dos instrumentos e das tarefas a ser desenvolvidas" (PONTUSCHKA; PAGA-

NELLI; CACETE, 2009, p. 176). Importante ressaltar que essa visita prévia não garante que todas as atividades previstas serão realizadas, pois em um trabalho de campo também ocorrem imprevistos que podem ou não contribuir para a pesquisa, mas é necessário assegurar a organização da atividade.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 176-177) destacam alguns procedimentos a serem realizados durante a visita preliminar:

Alguns fatores necessitam ser pensados: o tempo decorrente de uma saída da escola até o lugar da pesquisa de campo; o tipo de transporte necessário; qual dos bairros visitados contém elementos expressivos que contemplem melhor os objetivos de todas as disciplinas envolvidas; qual deles permitiria realizar um trabalho de campo em quatro ou cinco horas; que bibliografia é necessária para conhecer as reflexões a respeito do objeto de pesquisa escolhido pelo grupo; qual dos autores foi o mais citado pelo conjunto dos educadores.

Assim, a visita às cidades históricas do Vale do Paraíba nos dias 11 e 12 de Novembro de 2017, foi esse momento preliminar para a nossa formação docente, isto é, serviu como base para verificar a autenticidade e praticidade da proposta idealizada.

Dessa forma, esse período de conhecimento prévio da área de estudo em Bananal e entorno, o contato com os lugares, pessoas e com o cotidiano, reafirmou a potencialidade dessa metodologia de ensino, ao passo que novos questionamentos e reflexões surgiram no decorrer de conversas com moradores e proprietários das antigas fazendas de café.

Nesse contato, algumas falas manifestaram a idealização e valorização "desse passado bucólico" de Bananal, comentado por uma moradora e, o discurso nostálgico propagado pela dona de uma das fazendas de café, que descende de uma família dona de escravizados, sobre o período escravagista naquela região. Houve também reflexões acerca das desigualdades raciais, evidenciadas em campo.

Essa experiência reforça, portanto, a importância do Estudo do Meio como possibilidade de compreensão da realidade do lugar e das relações sociais.

geo-grafias negras e o Ensino de Geografia: notas sobre o campo preliminar

A Geografia das relações raciais ou geo-grafias negras constituise, ainda hoje, como uma área de estudo pouco explorada nas universidades brasileiras [6], embora apresente frutíferas discussões que relacionam o espaço geográfico e a racialidade, bem como a compreensão da formação socioespacial brasileira.

Nesse sentido, o geógrafo Renato Emerson dos Santos apresenta uma perspectiva que associa o Ensino de Geografia e as relações raciais. Segundo o autor:

Acreditamos que, de diversas maneiras, a Geografia tem relação direta com a constituição das relações raciais. Aqui, estamos falando de "raça" não como um conceito biológico (aliás, já superado na própria Biologia), mas, enquanto conceito social, enquanto constructo social que é princípio ordenador de relações sociais. (SANTOS, 2011, p. 10).

Dessa forma, o autor defende que o Ensino de Geografia pode ser instrumento de uma educação capacitante e engajada, para conscientização da discussão racial, de maneira a estimular e construir um pensamento crítico com os estudantes. Segundo bell hooks (2013, p. 20), são essas

[...] práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos. O intuito, portanto, é o de questionar as estruturas hegemônicas sociais impostas, assim como o currículo escolar. Pressupõe, nesse aspecto, não apenas a descolonização do currículo, mas também das práticas pedagógicas num movimento que requer pensar e repensar um ensino que permita as transgressões, contra as fronteiras e para além delas (HOOKS, 2013).

Nesse sentido, a experiência na visita preliminar, onde houve contato com histórias cruzadas sobre o período escravagista e com as formas espaciais que datam esse período, foram primordiais para se pensar nas relações raciais daquela cidade. As práticas sociais pretéritas se realizam no espaço impondo as diferentes grafias das relações raciais e evidenciam novas narrativas e, inclusive, espacialidades.

A prática (já naturalizada) de valorizar o "período das fazendas de café" e o modo de vida daquela época, demonstra o enaltecimento, mesmo que inconsciente, de uma estrutura racista. Inclusive, durante o estudo, ao se analisar a geografia da cidade de Bananal, notou-se que parte significativa da população de baixa renda, que em sua maioria é negra, vive nos morros ao redor do centro da cidade.

Essa percepção, obtida em campo, ressignificou a proposta inicial do Estudo do Meio e estimulou o desenvolvimento de uma pesquisa-ação, que potencializa e possibilita a discussão entre geografias negras e o Ensino de Geografia que, igualmente é respaldada pela Lei 10.639/2003, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, e ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

considerações finais

A etapa de trabalho de campo de um Estudo do Meio enquanto ferramenta pedagógica, refere-se ao momento de síntese do processo de aprendizagem que possibilita ao estudante expressar concretamente o conhecimento adquirido ao longo desse processo. Nessa etapa, o estudante depara-se com elementos práticos do cotidiano e é capaz de articulá-los com a sua realidade e a outras realidades. Vivencia, portanto, a geografia viva de determinado lugar.

Nesse aspecto, a proposta em realizar um Estudo do Meio em Bananal e entorno com estudantes do Ensino Fundamental II, está atrelada ao Ensino de Geografia e as relações sociais. O objetivo deste trabalho é o de aproximar os estudantes das reflexões acerca dos processos históricos, das espacialidades e temporalidades próprias das práticas sociais dessa região, bem como das disputas ideológicas existentes nesse lugar.

A realização da visita, como atividade preliminar, nos dias 11 e 12 de Novembro de 2017, na disciplina de Metodologia de Ensino em Geografia II, evidenciou a potencialidade deste método de estudo, pois, foi em campo que novas questões foram levantadas pelo grupo, inclusive, novas inquietações em relação à disputa de memórias na cidade, que faz parte da sua estrutura social o que, por si só, reafirmou a importância dessa prática no ensino geográfico e, inclusive, nos estudos de Geografia e as relações raciais.

notas

- [1] A escolha em trabalhar com estudantes deste ciclo relaciona-se aos conteúdos propostos pelo currículo da cidade que, a partir do 7º ano, abordam os conceitos de paisagem, espaço geográfico e as relações sociais e econômicas.
- [2] Para Vasconcellos (1992, p. 30): "A teoria dialética do conhecimento nos aponta que o conhecimento se dá basicamente em três grandes momentos: a Síncrese, a Análise e a Síntese".
- [3] Conforme assinala Pierre Nora (1993, p. 25), [...] a memória perdura-se em lugares". Lugares que podem ser materiais e imateriais como a fala dos sujeitos, os documentos oficiais e não oficiais, um lugar (geográfico), dentre outros.
- [4] Denominado síncrese, esse é o momento da mobilização para o conhecimento "[...] especificamente pedagógico, em relação à teoria dialética do conhecimento, uma vez que esta supõe o interesse do sujeito em conhecer [...]. Trata-se de estabelecer um primeiro nível de significação, em que o sujeito chegue a elaborar as primeiras representações mentais do objeto a ser conhecido". (VASCONCELLOS, 1992, p. 30).
- [5] O Ministério do Turismo define o Turismo Cultural como aquele que: "compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjun-

to de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura". (BRASIL, 2006, p. 10).

I6l A inquietação de geógrafas e geógrafos brasileiros que estudam temáticas raciais na Geografia e não se veem representados na academia, os uniu no Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ENANPEGE), realizado na Universidade de São Paulo em setembro de 2019. Na ocasião estavam presentes sessenta intelectuais de vinte Instituições de Ensino Superior, das cinco regiões brasileiras. Nesse encontro, foi elaborada uma carta-manifesto que propunha uma geo-grafia negra, afrocentrada, sustentada na Geografia das relações raciais.

referências

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, p. 7-27, dez., 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763. Acesso em: 20 mar. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transformase... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José William (org.) **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 249-288.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 7. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, Renato Emerson. A lei 10.639 e o ensino de geografia: construindo uma agenda de pesquisa-ação. **Revista Tamoios**, v. 7, n. 1, p. 4-24, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.12957/tamoios.2011.1702. Acesso em: 30 mar. 2020.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Metodologia dialética em sala de aula. **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 21, n. 83, p. 28-55, abr./jun., 1992. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/formacao/files/2013/12/met-dialt-em-sa-aec.pdf. Acesso em: 25 mar. 2017.



Idosos na janela de um casarão colonial. São José do Barreiro-SP. Fotografia: Cleberson H. Moura.



Crítica à forma da memória na Estância Turística de Bananal [1]

por Guilherme Estevão dos Santos

resumo

O presente artigo trata da conformação da Estância Turística de Bananal, cidade localizada no Vale do Paraíba na divisa de São Paulo com o Rio de Janeiro, como conteúdo síntese do capitalismo brasileiro, onde a forma e a memória se imbricam conformando o turismo como atividade econômica central. O passado escravista da cidade e do entorno conforma o enredo das atrações turísticas no Vale Histórico da cidade, ou seja, da história que se quer contar de um passado próspero onde a cidade se destacou nacionalmente pela produção de café. A partir das observações de campo, levantamento estatísticos, fotografias e conversas com moradores, foi nos revelado a existência de Boa Esperança, bairro distante do Vale Histórico, que em muitos aspectos nos remete à periferia das grandes metrópoles. Assim sendo, a simultânea existência entre o turismo do Vale Histórico e a reprodução periférica do bairro de Boa Esperança se revelou como uma latente contradição e marca contundente das desigualdades sociais e raciais da sociedade brasileira.

palavras-chave

Vale do Paraíba – Escravidão – Segregação socioespacial – Memória – Racismo Estrutural...

The Critique of the forms of reminiscences at the Tourist Resort of Bananal [1]

by Guilherme Estevão dos Santos

abstract

The present article refers to the conformations of the Tourist Resort of Bananal, a city located in the Paraíba Valley on the border of São Paulo and Rio de Janeiro, as a synthesis content of the Brazilian capitalism, where form and reminiscences intermingle conforming tourism as a central economic activity. The slavery past of the city and its surroundings conform the plot of tourist attractions in the Historic Valley of the city, that is, throughout its own history which has been told about a prosperous past where the city stood nationally out for its coffee production. By camp observations, statistical surveys, photographs and conversations with residents, the existence of Boa Esperança has been shown us, a neighborhood far from the Historic Valley which, in many ways makes us compare it to the periphery of large metropolises. Therefore, the simultaneous existence between the tourism of the Historic Valley and the peripheral reproduction of the Boa Esperança neighborhood revealed itself as a latent contradiction and a powerful mark of the social and racial inequalities of the Brazilian society.

key words

Paraíba Valley – Slavery – Socio-spatial segregation – Reminiscences – Structural Racism.

Crítica a la forma de la memoria en la Estancia Turística de Bananal [1]

por Guilherme Estevão dos Santos

resumen

El presente artículo trata de la conformación de la Estancia Turística de Bananal, ciudad ubicada en el Vale do Paraíba en el límite provincial de São Paulo y Rio de Janeiro, como contenido síntese del capitalismo brasileño, donde la forma y la memoria se conectan conformando el turismo como actividad económica central. El pasado esclavista de la ciudad y del entorno crea el enredo de las atracciones turísticas en el Valle Histórico de la ciudad, es decir, de la historia que se desea contar de un pasado próspero donde la ciudad se enalteció nacionalmente por la producción del café. A partir de las observaciones en campo, encuestas estadísticas, fotografías y conversaciones con residentes, fue revelado la existencia de Boa Esperança, barrio distante del Valle Histórico que en muchos aspectos acerca las periferias de las grandes metrópolis brasileñas. De hecho, la simultaneidad del turismo del Valle Histórico con la reproducción periférica del barrio de Boa Esperança reveló una latente contradicción y marca contundente de las desigualdades sociales y raciales de la sociedad brasileña.

palabras clave

Vale do Paraíba – Esclavitud – Segregación socioespacial – Memoria – Racismo Estrutural.

introdução

A história dos indivíduos de uma dada sociedade é a história da produção de sua geografia. Esta história deixou suas marcas nas memórias e nos arquivos, mas também na paisagem. Desta forma, é necessário compreender as diferentes "marcas" que expressam a constituição histórica de um dado meio geográfico, pois os processos que deram origem a uma geografia específica são materializados nesta geografia, compondo contradições que se fazem presentes cotidianamente na vida dos indivíduos que são constituintes e são constituídos pelo contexto geográfico do qual são autores e, simultaneamente, ao qual estão sujeitados.

A cidade de Bananal localizada no Vale do Paraíba, última cidade de São Paulo na divisa com o Rio de Janeiro, tem como particularidade sua história extremamente intrincada com os tempos áureos do café e, consequentemente, com a escravidão. Tal legado estabeleceu o centro histórico, assim como as fazendas da cidade, enquanto lugares turísticos. A cidade foi uma das primeiras a cultivar café no que seria considerada uma das mais importantes regiões de cultivo do produto no Brasil em meados do século XIX.

Compreende-se, portanto, que a economia do café, bem como o tráfico de escravizados, além de se constituírem enquanto marcas latentes da história e do cotidiano da hoje Estância Turística de Bananal, emergem como particularidades da sociabilidade capitalista brasileira posta pela acumulação primitiva efetivada em âmbito mundial e marcada por relações coloniais.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar as relações existentes entre as formas constituintes da cidade de Bananal-SP, sua história e seu cotidiano, dando especial atenção para a correlação entre os objetos arquitetônicos e urbanísticos que compõem esta cidade, sua localização e os indicadores socioeconômicos de determinados setores censitários, no intuito de reafirmar que as formas que compõem a paisagem e a memória da cidade revelam as contradições presentes na constituição de sua geografia.

Levando em consideração as reflexões teóricas apresentadas, bem como as especificidades históricas da cidade de Bananal, a qual foi objeto da etapa de campo do Estudo do Meio realizado no dia 12/11/2017

no escopo da disciplina "Metodologia de Ensino de Geografia II", ministrada pela Prof.ª Dr.ª Núria Hanglei Cacete da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), realizou-se uma sequência de capturas fotográficas georreferenciadas, tomadas no decorrer de um trajeto de cerca de um quilômetro, o qual teve início no centro histórico do município de Bananal e fim no bairro Boa Esperança, periferia do referido município. Assim sendo, foi possível elaborar uma coletânea de mapas e fotografias da área de estudo. Os mapas abordam questões socioeconômicas, raciais e ambientais e as fotos retratam perspectivas coletadas em pontos específicos do trajeto percorrido no decorrer do trabalho de campo. Tal metodologia evidencia paisagens díspares e segregadas, onde de um lado vemos o centro histórico preservado com função nitidamente turística e, de outro, uma paisagem, em pequena escala, urbana, muito similar a de bairros periféricos das grandes metrópoles brasileiras.

A segregação socioespacial apreendida a partir da análise comparativa das paisagens acima mencionadas estabelece uma nítida contradição que se efetiva para além da materialidade posta pelo espaço, e estabelece diferentes valores acerca da relação espaço-tempo, onde a memória romântica do passado vil e violento da escravidão se realiza simultaneamente à invisibilidade do bairro de Boa Esperança, lugar onde a luta pela sobrevivência evidencia o caráter total, simultâneo e contraditório posto pela reprodução social capitalista. Desta forma, destrincharemos nossa crítica à memória materializada na paisagem do centro histórico da cidade de Bananal, buscando estabelecer e evidenciar a contradição, apreendida a partir da caracterização do bairro de Boa Esperança e efetivada pelos aspectos tanto objetivos quanto subjetivos da reprodução social capitalista.

espaço, tempo e trabalho: Bananal e a síntese do capitalismo no Brasil

A análise a seguir busca, através do método materialista histórico e dialético, estabelecer as determinações e as relações que configuram a cidade de Bananal, sobretudo sua história e as narrativas acerca dela. Para tanto, utilizaremos das contribuições de Karl Marx (2011) que, ao

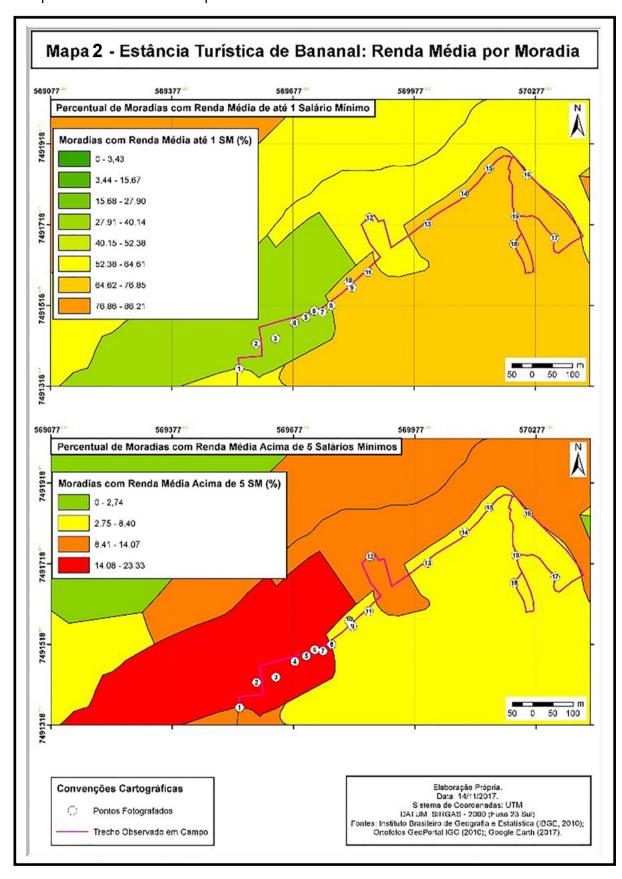
elaborar a crítica ao método da economia política, estabelece os limites do pensamento positivista e elege a contradição e a dialética como métodos de percepção da realidade. Assim, justifica-se a escolha das paisagens acima referidas, onde o tensionamento da contradição posta na paisagem nos guiará a um entendimento mais profundo acerca da configuração de Bananal como lugar onde se efetivam, particularmente, as próprias contradições do modo de produção capitalista.

Desta forma, os Mapas 1 e 2 trazem a tona alguns aspectos desta contradição. Aspectos como renda média, raça e declividade revelam a segregação contida no espaço da cidade, bem como tal segregação se configura a partir de fatores históricos, sociais e geográficos.

Mapa 1 - Estância Turística de Bananal: Altimetria e Declividade 559770 Altimetria do Trecho Observado em Campo Altitude (m) 427,06 - 449,19 449.2 - 471.32 00000 5 471 33 - 493 45 93,46 - 515,58 0 581.97 - 604.09 50 0 50 100 Declividade do Trecho Observado em Campo Declividade (Graus) 0-299 0 0 00000 5 33,61 - 42,42 Convenções Cartográficas Elaboração Próprio Deta: 14/11/2017. Pontos Fotografados Sistema de Coordenadas, UTM DATUM: SIRGAS - 2000 (Fuso 23 Sul) des; Instituto Brasiletio de Geografia e Estatistica (IDSE, 2010) Ontofetos GeoPenal ICC (2010); Google Earth (2017). Hidrografia

Mapa 1: Mapa de altimetria e declividade da Estância Turística de Bananal.

Os mapas de altimetria e declividade de Bananal demonstram a localização do Vale Histórico (verde escuro) e a localização do bairro de Boa Esperança na parte mais alta da cidade.



Mapa 2: Renda média por moradia na Estância Turística de Bananal.

As disparidades em relação à renda média se evidenciam também a partir das paisagens observadas. Em Boa Esperança, boa parte das casas possuem estruturas simples, inacabadas, quando não precárias, típicas de periferia das grandes metrópoles, o que pode ser observado na Figura 1.



Figura 1: Casas autoconstruídas na Rua da Palha, principal via do bairro de Boa Esperança.

Fonte: Própria (2017).

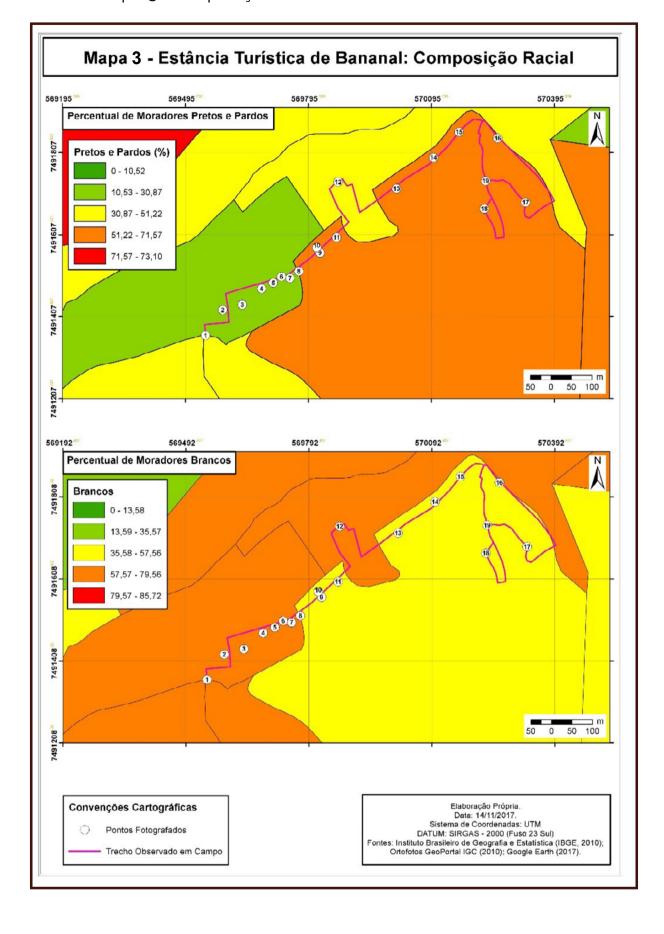
O bairro passa por um nítido processo de expansão, observa-se isso a partir dos inúmeros terrenos abertos (Figura 2), dos diversos materiais de construção espalhados pela comunidade, das construções em andamento e até pelos caminhões de mudança que trafegam pelo local. Esse processo nos suscitou reflexões acerca do rótulo de "cidades mortas" dado por Monteiro Lobato às cidades da região, sobretudo Bananal. **Se a cidade está morta, como ela está se reproduzindo?** Por sua vez, salientamos que o próprio rótulo de cidade morta faz parte da narrativa oficial sobre a cidade, devido ao fato de a paisagem do passado ser mantida e valorizada tendo como fim também a invisibilidade e apagamento de seu entorno.



Figura 2: Futuro morador de Boa Esperança abrindo o terreno para sua futura casa.

Fonte: Própria (2017).

Elegendo a paisagem enquanto categoria de análise geográfica e compreendendo o corpo enquanto elemento constituinte da mesma (MALACHIAS, 2006), observamos, tanto a partir dos mapas quanto do trabalho de campo e fotografias capturadas, que a desigualdade posta na cidade de Bananal se efetiva também a partir do espectro racial. O Mapa 3 demonstra uma maior concentração de negros (pretos e pardos) no bairro de Boa Esperança e de brancos no vale histórico.



Mapa 3: Composição racial da Estância Turística de Bananal.

Hoje considerada Estância Turística, a cidade de Bananal foi fundada em 1783 e antes de completar um século de existência obteve grande destaque econômico, graças à cultura escravista do café, onde a ideia de segunda escravidão (TOMICH, 2004) [2] é central para o entendimento do contexto econômico da época. Por sua vez, o grande destaque econômico de Bananal se personificou e logrou aos fazen-

deiros um grande prestígio, estabelecendo suas fazendas e casarões enquanto marcas remanescentes dos "tempos áureos do café" e que hoje se configuram enquanto as maiores atrações turísticas da cidade, ou seja, levando em consideração que a maior atividade econômica da cidade é o próprio turismo, Bananal existe para contar sua história.

A memória que se efetiva na arquitetura das fazendas e dos casarões (Figura 3) naturaliza as relações coloniais escravistas vigentes no passado da cidade e, assim sendo, se constituem no presente de forma fetichista (Figura 4). Não raro vemos menções aos tempos áureos do café como uma época de progresso e riquezas, onde a negatividade posta no processo de escravidão se banaliza. Muito longe de apreender tal negatividade, os expositores das fazendas e dos casarões relatam a quantidade de escravizados em posse dos fazendeiros, exibem antigas senzalas e instrumentos de tortura, contam histórias de torturas e assassinatos de negros e até remontam uma cena de lavagem de mãos dos antigos "senhores" pelos cativos.

Figura 3: Localizado no vale histórico da Estância Turística de Bananal, o Solar do Aguiar Vallim recebeu o nome de seu antigo proprietário. Conhecido como comendador, foi fazendeiro e traficante de escravizados da região. O prédio abrigou uma escola e hoje abriga a Abatur (Associação Bananalense de Turismo).



Fonte: Própria (2017).

Figura 4: Estação de trem de Bananal construída por belgas no fim do século XIX. Não chegou a ser inaugurada, no entanto, é mantida de pé junto ao trem nunca utilizado.



Fonte: Própria (2017).

O trabalho acumulado se evidencia nas formas do presente, ou seja, é na paisagem que os processos sociais do passado aparecem (SANTOS, 2006), ora de maneira implícita e ora de maneira explícita, como no caso de Bananal. Desta forma, as rugosidades como processo e materialidade síntese do passado impõe as funções da paisagem no presente.

Na particularidade de Bananal, a rugosidade sob as formas de arquitetura colonial impõe uma função além da estrutura, estabelecendo-a enquanto subjetividade a partir da memória e impondo o turismo como função de um lugar que aparentemente não se modernizou, mas que se caracteriza por evidenciar a gênese da modernização brasileira, o colonialismo escravista.

Podemos, portanto, interpretar a paisagem de Bananal, sobretudo do seu vale histórico, enquanto rugosidade que ao imbricar o objetivo (arquitetura) com o subjetivo (memória) fomenta novas formas de divisão do trabalho. Se a cidade se ergueu a partir do trabalho cativo, hoje utiliza-se desta memória para estabelecer no seu cotidiano outras

formas de trabalho, agora baseado no setor informal e de serviços, típicos de uma economia turística. Nesta lógica, coube à cidade de Bananal sintetizar a própria história do capitalismo em sua particularidade brasileira, que se inicia a partir do colonialismo e escravidão para estabelecer a acumulação primitiva e hoje se constitui a partir da crise do trabalho produtivo e *boom* do setor terciário (comércio e serviços). A contradição essência e aparência ganha contornos complexos, pois aqui a aparência se sustenta simultaneamente à essência, ao invés de negá-la.

Bananal: uma história a ser (re)contada

Tombados pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) tanto o Centro Histórico quanto as fazendas da região serviram de cenário a inúmeras novelas brasileiras chamadas de época. Tanto o tombamento quanto a vinculação da arquitetura por via das novelas evidenciam o valor dado às paisagens bananalenses e suas respectivas memórias. Ao estabelecer um patrimônio enquanto tal, os órgãos responsáveis tratam de garantir a manutenção e, quando necessária, a restauração destes lugares. No entanto, as narrativas sob as quais serão celebradas as memórias marcadas nos patrimônios extrapolam o processo de tombamento e se configuram a partir de fatores culturais e políticos, onde os símbolos escolhidos, mantidos, valorizados e tornados patrimônios fazem parte de uma história que se quer contar: a história oficial, dos vencedores.

Ao olharmos para Bananal e a narrativa que envolve o contexto de constituição da cidade apreendemos um forte apego ao passado escravista e paternalista, visto como momento único de progresso, representando, por sua vez, a história dos vencedores, personificados na figura dos fazendeiros. Walter Benjamim (1987, p. 225), ao se debruçar sobre o conceito de história, sintetiza a memória materializada na geografia de Bananal: "Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie".

No entanto, ao tratarmos das narrativas acerca da história temos como possibilidade reinterpreta-las, criticá-las e ressignificá-las, como o próprio Benjamim (1987, p. 225) diz "escova-las a contra pelo". Isso requer uma reflexão acerca dos sujeitos construtores de tais narrativas e de qual história os mesmos querem narrar. Ao tomarmos Bananal, seu

passado e memória enquanto particularidade, fica evidente que a narrativa construída se põe ao lado daqueles que escravizaram, torturaram, estupraram e assassinaram. A naturalização da barbárie expõe simultaneamente a naturalização de suas consequências. Dessa forma, se faz necessário contrapor tal narrativa como forma de fazer uma reflexão acerca do presente e aqui tratamos da necessidade de discorrer sobre a escravidão e o racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Neste sentido, se faz pertinente mencionar o bairro de Boa Esperança e seus habitantes: o que pensam sobre a história de sua cidade e como vivem a memória de seu passado?

Ressignificar as narrativas de Bananal e, consequentemente, do Brasil requer estabelecer novos sujeitos e novos lugares de fala. Por que não começar por Boa Esperança?

notas

[1] Texto adaptado do artigo apresentado no XIX Encontro Nacional dos Geógrafos (ENG) realizado em João Pessoa-PB em 2018; e resultado do trabalho final desenvolvido na disciplina Metodologia de Ensino em Geografia II sob supervisão da Prof.ª Dr.ª Núria Hanglei (FE-USP), em parceria com Dorival Neto, Fernando Alves Batista, Gabriel Rinco, Henrique Gil, Marcos Henrique Martins e Rodrigo Santiago.

[2] Segunda escravidão foi o conceito cunhado por Dale Tomich (2004) para apreender a continuação dos regimes escravistas na América pós proibição do tráfico negreiro. Na particularidade do Brasil, é possível apreender tal fato principalmente a partir do tráfico interestadual de escravizados. Em Bananal, tal processo se personificou em alguns dos fazendeiros da região, sobretudo em relação aos membros da família Aguiar Vallim.

referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. v.1, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/2098-np-censo-demografico/9662-censo-demografico-2010.html?&t=downloads. Acesso em: 25 out. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades. Disponível em: http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home. php?lang=. Acesso em: 25 out. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

Malha de dados. 2014. Disponível em: http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm. Acesso em: 25 out. 2017.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (IGC). **Ortofotos 2010** (Escala 1:5.000). Disponível em: <u>geoportal.</u> <u>igc.sp.gov.br:8080/</u>. Acesso em: 22 nov. 2017.

MACEDO, Giovanni Raimundo; BINSZTOK, Jacob. A diferenciação socioespacial no Vale do Paraíba. *In*: **14º Encontro Nacional de Geógrafos da América Latina**, Lima, 2013. Disponível em: http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/
Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/01.pdf. Acesso em: 22 nov. 2017.

MALACHIAS, Antônio Carlos. **Geografia e relações raciais**: desigualdade sócio-espaciais em preto e branco. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.

MARX, Karl. Grundrisse. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SCIFONI, Simone. Lugares de memória operária em São Paulo. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 33, p. 98-110, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2013.74304. Acesso em: 1 dez. 2017.

TOMICH, Dale. **Pelo prisma da escravidão**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.



Escultura talhada em madeira localizada na Casa de Cultura. Areias-SP. Fotografia: Robson Ferreira.



Documentário "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'": reflexões sobre Estudo do Meio e Produto Fílmico [1]

por Fabíola Alice dos Anjos Durães e Cleberson Henrique de Moura

resumo

Buscamos trazer neste artigo uma reflexão acerca do processo de realização do documentário "Veias do passado, marcas no presente - desmistificação das 'Cidades Mortas'", realizado a partir da experiência de Estudo do Meio em Cidades Históricas do Vale do Paraíba. Motivados pelo conto "Cidades Mortas" de Monteiro Lobato, definimos como objetivo de pesquisa verificar qual é a opinião de moradores/as de Bananal sobre esse termo e se acham que convém utilizá-lo atualmente. Além de comentar sobre esse processo, buscamos mostrar as semelhanças entre o Estudo do Meio e a construção de produtos fílmicos, evidenciando a viabilidade desta metodologia para a produção de documentários. O documentário em questão foi construído dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa, tendo como instrumentos principais para coleta de dados observação direta e realização de entrevistas com pessoas escolhidas aleatoriamente. No campo/produção nos deparamos com várias questões que não esperávamos, o que nos fez refletir muito e, consequente, adaptar a proposta de roteiro/narrativa inicial pensada para o documentário. Assim, neste artigo procuramos evidenciar o quão importante é o desenvolvimento de Estudos do Meio como ferramenta metodológica não só para o ensino-aprendizagem de Geografia, mas também para a realização de pesquisas acadêmicas e documentários.

palavras-chave

Estudo do Meio – Vale do Paraíba – "Cidades Mortas" – Produção de Documentário – Produto Fílmico.

Documentary "Veins of the past, marks in the present-demystification of 'Dead Cities': reflections on Milieu Analysis and Film Product [1]

by Fabíola Alice dos Anjos Durães e Cleberson Henrique de Moura

abstract

In this article we look forward to bringing a reflection about the process of making the documentary "Veins of the past, marks in the present demystification of "Dead Cities", produced by an experiment of Milieu Analysis in the Historic Cities of the Paraíba Valley. Impulsed by the short story "Dead Cities" from Monteiro Lobato, we have defined as research objective verifying which is the Bananal residents'opinion about this term and if they think it is convenient to use it at present. Besides commenting about this process, we have proposed to show the similarities between the Milieu Analysis and film product making of, pointing out the feasibility of this methodology for the production of documentaries. The documentary in question was made from the perspective of qualitative research, having as main instruments for data collection direct observation and interviews given with people chosen at random. In camp/ production we faced several issues we were not expected to deal with, which made us reflect a lot and, consequently, adapt the initial script/ narrative proposal thought for the documentary. Thus, in this article we aim to focus how important carrying out a Milieu Analysis is as a methodological tool not only for Geography teaching and learning, but also for the conduct of academic research and documentaries.

key words

Milieu Analysis – Vale do Paraíba – "Dead Cities" – Documentary Production - Film Product.

Documental "Venas del pasado, marcas en el presente - desmitificación de las 'Ciudades Muertas'": reflexiones sobre Estudio del Medio y Película [1]

por Fabíola Alice dos Anjos Durães e Cleberson Henrique de Moura

resumen

Buscamos tratar en este artículo de una reflexión acerca del proceso de realización del documental "Venas del pasado, marcas en el presente desmitificación de las Ciudades Muertas", realizado a partir de la experiencia del Estudio del Medio en Ciudades Históricas del Vale do Paraíba. Motivados por el cuento "Cidades Mortas" de Monteiro Lobato, definimos como objetivo de investigación verificar cual es la opinión de residentes de Bananal sobre ese termo y se creen conveniente utilizarlo actualmente. Además de comentar sobre ese proceso, buscamos mostrar las similitudes entre el Estudio del Medio y la construcción de peliculas, evidenciando la viabilidad de esta metodología para la producción de materiales documentales. El documental fue construído involucrado en la perspectiva de la investigación cualitativa, con la utilización de instrumentos principales para colecta de datos, observación directa y realización de encuestas con personas que fueron elegidas de manera espontánea. En el campo/ producción, estuvimos delante de diversas cuestiones que no habíamos imaginado, situación que nos hizo reflexionar y adoptar la propuesta del rotero/narrativa inicial pensada para el documental. Así, buscamos evidenciar la importancia del desarrollo del Estudio del Medio como herramienta metodológica para la enseñanza-aprendizaje de Geografía e igualmente para realizar investigaciones académicas y documentales.

palabras clave

Estudo do Meio – Vale do Paraíba – "Cidades Mortas" – Produção de Documentário – Produto Fílmico.

introdução

O que tem a ver Estudo do Meio com produção de documentários? É possível comparar ambos? O que possuem em comum? Este artigo busca apresentar paralelos possíveis em relação às etapas de realização tanto de Estudos do Meio quanto de documentários e destacar o quanto tais semelhanças potencializam trabalhos nessas duas áreas.

O Estudo do Meio é uma metodologia ativa interdisciplinar com ênfase para o ensino-aprendizagem de Geografia. A reflexão aqui proposta parte da experiência ocasionada pela participação em um Estudo do Meio realizado em algumas Cidades Históricas do Vale do Paraíba do Sul Paulista (Areias, Silveiras, São José do Barreiro e Bananal) na disciplina "Metodologia do Ensino de Geografia II", ministrada pela Prof.ª Dr.ª Núria Hanglei Cacete na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Essa participação culminou na produção do documentário "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'", produzido no final do segundo semestre de 2017. Passados dois anos da primeira participação neste Estudo do Meio, nos propomos a relembrar neste artigo como foi todo o processo de realização do referido documentário.

O processo de realização de produtos fílmicos é constituído pelas seguintes etapas: pré-produção, produção e pós-produção (KINDEM; MUSBURGER, 1997). É interessante notar que essas etapas são equivalentes àquelas também necessárias à realização de Estudos do Meio: pré-campo, campo e pós-campo; que, resumidamente, correspondem ao planejamento, à execução e à avaliação de uma proposta de um estudo geográfico que tem como característica importante a dialogicidade (LOPES; PONTUSCHKA, 2009). Esses momentos são cruciais para se conhecer, estudar e produzir conhecimentos de uma dada realidade que é complexa, multidimensional e multirreferencial, assim, é impossível conhecermos, estudarmos ou filmarmos absolutamente tudo sobre uma dada região, por isso a necessidade de se definir um recorte de pesquisa empírica que nos permita entender uma realidade a ser investigada de forma interdisciplinar e dialética, o que possibilita a compreensão da totalidade do espaço geográfico (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Neste artigo vamos relembrar e refletir sobre todas as etapas do

Estudo do Meio proposto pela professora Núria no ano de 2017. Além disso, mostraremos como essas etapas se cruzam com a produção de produtos fílmicos, dando foco ao gênero documentário, pois este possui como característica o/a diretor/a não ter total controle em relação ao roteiro, pois as filmagens envolvem locais e personagens reais (PUCCINI, 2012), condições que o/a pesquisador/a, o professor/a e o/a estudante também estão sujeitos no Estudo do Meio. Assim, buscaremos evidenciar o quão importante é sair do gabinete e ir a campo a fim de confrontar e/ou corroborar hipóteses e poder retratar de forma mais completa uma realidade posta em questão.

Seguindo esse arranjo, o artigo foi divido em três partes: i) Précampo/Pré-produção: momento de conhecer a área de estudo, definir o recorte investigativo, o roteiro, os instrumentos e os materiais de pesquisa e de filmagem; ii) Campo/Produção: momento de filmar tudo o que for possível relacionado ao recorte e de confrontar a hipótese com a realidade; e iii) Pós-campo/Pós-produção: momento de digerir todas as informações, avaliar todo o processo e construir o trabalho final (neste caso, um documentário).

pré-campo/pré-produção: momento de conhecer a área de estudo, definir o recorte investigativo, o roteiro, os instrumentos e os materiais de pesquisa e de filmagem

O pré-campo e a pré-produção caracterizaram-se como um momento imprescindível para que conhecêssemos um pouco da área de estudo a partir da realização de uma pesquisa histórica sobre as cidades a serem visitadas. Conhecendo um pouco da região, foi discutido com o grupo de trabalho o que mais nos chamou atenção. A partir disso, foi possível pensarmos no recorte de pesquisa empírica e qual o tipo de material/produto poderíamos produzir para ser apresentado como trabalho final da disciplina.

Através da pesquisa de gabinete realizada, soubemos que a região atualmente conhecida como "Cidades Históricas" foi alcunhada como "Cidades Mortas" por Monteiro Lobato, em 1906, num conto e livro

homônimos [2]. Lobato escreveu esse conto a partir de sua experiência como promotor na cidade de Areias. Foi trabalhar numa região que perdeu grande parte da população e atividades econômicas devido ao declínio do auge cafeeiro. Assim, descreve como a região estava "morta", evidenciando o que pensava sobre os comportamentos e valores que observou sobre as cidades valeparaibanas. Ao fazer um apanhado de tudo o que tínhamos lido sobre a história dessas cidades, observamos que essa questão foi algo que mais nos chamou a atenção. A partir disso, propusemos um projeto de pesquisa que tivesse como ponto de partida trechos do conto "Cidades Mortas" (LOBATO, [1919] 2012) e que, em campo, buscaríamos entrevistar pessoas em Bananal [3] com a proposta de saber se já tinham ouvido sobre a questão de que aquela região tinha sido nominada como "Cidades Mortas"; o que achavam disso; e se esse termo caberia para a realidade atual desses municípios.

Assim, decidimos que o recorte do projeto seria dentro da temática: "aspectos culturais da população: memória e relações com as cidades" e que o material coletado em campo seria selecionado e organizado em formato de um vídeo. Dessa forma, a metodologia de pesquisa foi de cunho qualitativo, lançando mão do uso de observação direta e um roteiro de entrevista semiestruturada como instrumentos de coleta de dados. Os materiais utilizados para a obtenção dos dados foram: caderno de campo para fazer anotações pertinentes, gravador de áudio e duas câmeras fotográficas do tipo Canon T5i e um celular – equipamentos utilizados para registros nos formatos de áudio, vídeo e fotografia.

Levando em consideração o que Lobato escreveu em 1906, apontamos para a hipótese geral do projeto que, apesar de as referidas cidades terem passado por um processo de declínio econômico e populacional no final do século XIX e início do século XX, elas não morreram. Apesar de terem sofrido um grande êxodo, elas não ficaram sem habitantes. Com o tempo, elas foram renascendo economicamente e as pessoas foram adquirindo novos hábitos e costumes. Dessa forma, apontamos como hipótese da pesquisa empírica que "cidades não morrem" [4], a humanidade tem a capacidade de se renovar, reconfigurar e transformar os lugares, mesmo que não tenham planejado isso, ou, ainda que esta renovação não esteja em conformidade com o forma-

to padronizado das grandes metrópoles. Dessa forma, fomos a campo tendo como objetivo principal do projeto desmistificar o estigma de que Bananal é uma "cidade morta", tendo como proposta de trabalho final a realização um documentário que sustentasse essa hipótese.

Então fomos a campo com a perspectiva de um roteiro que levasse em consideração a realização de registros que pudessem subsidiar a identificação de quais são os paralelos e as divergências existentes em relação ao que Lobato escreveu, na tentativa de evidenciar um pouco das transformações ocorridas e o que continua a existir na região. Isso foi feito através da observação da paisagem e de entrevistas com moradores/as de Bananal.

Milton Santos (2006) em "A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção", argumenta que a paisagem carrega marcas dos processos que aconteceram no passado de forma a evidenciar as rugosidades apresentadas no presente, por isso a importância de se observar a paisagem a fim de entender processos histórico-geográficos. Foi a partir dessa reflexão que surgiu o nome "Veias do passado, marcas no presente" logo na etapa de pré-campo/pré-produção.

As entrevistas com moradores/as locais foram realizadas aleatoriamente com o intuito de conhecer sentimentos e relações que os indivíduos possuem em relação à região. A perspectiva teórica utilizada foi da abordagem fenomenológica ou Geografia Humanista, que considera a questão da percepção e representação espacial a partir da experiência dos indivíduos com o espaço, a fim de entender comportamentos e valores (TUAN, 1980, 1982, 1983; HOLZER, 1996, 1997, 1999).

Assim, definimos como finalidade para o campo procurar indicativos que poderiam evidenciar o que mudou e o que ainda permanece na área de estudo depois de passados mais de 100 anos da crise cafeeira, de maneira a resgatar a memória e percepção dos/as moradores/as, observar o presente e retratar de alguma maneira as relações da população para com o espaço que habitam.

campo/produção: momento de filmar tudo o que for possível e de confrontar a hipótese com a realidade

No campo/produção foi o momento em que foi possível entrar em contato de fato com a realidade e, consequentemente, com a complexidade dos processos de formação e (re)construção das cidades em questão e tentarmos retratar isso através de filmagens.

Na medida em que fomos conhecendo a representação do imaginário contido na memória dos/as representantes/mediadores/as dos locais que foram visitados, passamos por vários momentos de estranhamento e incômodos durante o campo e mais ainda durante as reflexões pós-campo. A história era ali contada por uma visão unívoca da dita "história oficial", onde há uma exaltação dos colonizadores e espetacularização do período escravocrata. Observamos que todos/as os/as representantes eram pessoas de etnia branca. Notamos que eles/as se esforçavam para mostrar que a escravização foi um absurdo, uma atrocidade, algo desumano que nunca deveria ter acontecido. Porém, houve situações em que observamos discursos e/ou atitudes não condizentes com essa visão, como, por exemplo, a proprietária de uma das fazendas visitadas ter uma funcionária de etnia negra e observamos uma relação que traz elementos herdados do período colonial. A relação Casa Grande-Senzala se reproduziu ali na nossa frente, em pleno século XXI. Foi uma das situações que mais nos chocou e sensibilizou. Apesar de o nosso foco não ser esse a priori, essas questões foram suficientemente marcantes para desencadear uma reconstrução do roteiro/narrativa inicial proposta para o documentário.

Em relação às entrevistas, tivemos muita dificuldade de coletar depoimentos de transeuntes de Bananal. Notamos que a proposta de filmar depoimentos afastou algumas pessoas. Houve uma situação em que nos aproximamos de uma jovem de 19 anos que estava vendendo água de coco na praça principal de Bananal. Ela nos concedeu a entrevista, mas permitiu apenas que gravássemos o áudio e não autorizou que o utilizássemos no documentário. Quando seu noivo chegou (de 24 anos), solicitou que cortássemos a gravação. Ela havia nos dito que gostava muito de morar em Bananal e que jamais viu a cidade como morta; que adorava desenhar, está cursando Artes Plásticas em Barra Mansa-

-RJ e almeja se tornar a primeira tatuadora mulher da cidade, pois só vê homens trabalhando nessa área em Bananal. Ao ser questionada se ela gostaria de morar em outro lugar, disse que jamais, pois conhecia todo mundo e se sentia segura e pertencente à cidade, ainda mais agora com a pretensão de abrir um estúdio de tatuagem. Ao chegar seu noivo, explicamos a ele do que se tratava a conversa e procuramos fazer as mesmas perguntas que fizemos a ela. Ele disse que concordava com Lobato, que realmente Bananal era uma cidade morta, que a pretensão deles era, depois de se casarem, irem para uma cidade que lhes dê melhores condições de vida e de trabalho; uma cidade não muito grande, pois ele já tinha tido experiências ruins em relação à segurança numa cidade de grande porte. A conversa foi tomando um tom de discórdia entre os dois e ficamos em meio a uma situação extremamente delicada, pois ambos começaram a perceber que tinham planos de vida diferentes. Foi nítido que o rapaz não levava em consideração as pretensões de carreira de sua companheira e que somente a opinião dele importava.

Em outra ocasião, encontramos um senhor de aproximadamente 70 anos que aceitou nos dar entrevista via filmagem [5]. Disse-nos que foi advogado criminalista, morava em São Paulo-SP, aposentou-se e foi para Bananal em busca de uma vida mais tranquila e pacata. Ao perguntarmos se ele conhecia o conto de Lobato, ele disse veementemente que não, mas que jamais consideraria Bananal e entorno como cidades mortas. Que houve um período de declínio econômico, mas que as cidades conseguiram se reerguer e estão muito vivas, seguindo em frente com uma economia turística. Mencionou que, no Brasil, a única cidade que pode ser considerada como morta é Serra Pelada-PA, as outras cidades conseguiram se reconstruir.

Ao entrarmos numa sorveteria, começamos a conversar com a proprietária, a qual nos concedeu uma entrevista filmada [6]. Ela tinha em torno de 38 anos e comentou que também nunca tinha ouvido falar desse conto, mas que achava isso um absurdo, pois nasceu e quer morrer ali, pois considera Bananal como uma cidade muito boa para se viver, que nunca teve nenhum problema, casou, teve filhos, tem o seu próprio negócio e vive muito bem, portanto, não tem nada a reclamar. Seu filho estava no local estudando. Começamos a conversar com ele, o qual também permitiu ser filmado [7]. Ele trouxe outra visão. Disse que concordava com Lobato, que a região está morta, pois não tem nada

para os jovens fazerem ali; que ele tem que ir para Volta Redonda-RJ para estudar, vai e volta todos os dias; e que tem como pretensão morar nos EUA, pois não tem nenhuma perspectiva de futuro na região.

Ao conversar com essas pessoas que moravam ou trabalhavam na região central de Bananal, algo nos chamou atenção: não vimos nenhuma pessoa negra ali. E ficamos a nos perguntar: onde estão os/as negros/as de Bananal?

Resolvemos então sair um pouco da área nuclear da cidade e vimos uma imagem emblemática: uma senhora negra com aparência de 65 anos escorada na janela de uma casa bem antiga, de arquitetura humilde. Começamos a conversar com ela e perguntamos se poderia nos ajudar com a pesquisa concedendo uma entrevista. Ela disse que infelizmente não seria possível naquele momento, pois trabalhava com venda de marmitas e estava esperando os alimentos terminarem de cozinhar para poder prepará-las e levá-las aos clientes. Nos convidou para voltar mais tarde, algo que infelizmente não foi possível, pois passaria do tempo que tínhamos disponível para a coleta de dados em campo.

Antes de irmos embora, passamos na loja "Casa do Artesão". Uma senhora bem simpática, de aproximadamente 60 anos, nos atendeu. Falou coisas muito interessantes que infelizmente não gravamos, portanto, não foi possível colocar no documentário. Sua conclusão em relação à cidade é que Bananal só é interessante para crianças e idosos, que os jovens não têm muito o que fazer lá, pois não há boas perspectivas de trabalho.

Com essa experiência que tivemos, pudemos observar o quão a realidade é controversa, sendo impossível ter uma definição do que os/ as moradores/as locais pensam sobre a região, pois cada um/a atribuiu um significado a partir de suas vivências e pretensões particulares. Antes de fazermos essa reflexão aqui proposta, tínhamos em nossa memória que a conclusão era de que para os jovens a região estava morta e para os idosos ela estava viva, algo que não é possível de ser sustentado com a fala da jovem que pretende ser tatuadora, por exemplo.

Ao final do trabalho de campo, ficamos surpresos com a complexidade que encontramos na área de estudo e pudemos reconhecer que o silenciamento e apagamento da história dos/as negros/as que viveram na região foi e continua a ser um projeto colonial, infelizmente, bem sucedido, algo que nos fez ficar muito pensativos em como retra-

taríamos isso no documentário (mesmo não sendo o nosso foco a priori, como dito anteriormente, mas essa questão persistiu como um incômodo que deveríamos tentar mostrar de alguma maneira).

pós-campo/pós-produção: momento de digerir todas as informações, avaliar todo o processo e construir de fato o documentário

No pós-campo/pós-produção foi o momento em que tivemos diversas discussões em relação ao roteiro do documentário; análise cuidadosa dos materiais coletados em campo para, enfim, selecionar quais arquivos poderíamos de fato utilizar; qual seria a trilha sonora; e, principalmente, como poderíamos agregar esses materiais com alguns trechos do conto de Lobato, pois o roteiro foi pensado em comparar o que Lobato escreveu em 1906 com a dinâmica socioespacial que acontece hoje na área de estudo.

Já no texto do projeto investigativo (etapa do pré-campo/pré-produção) tínhamos selecionado diversas passagens do conto, mas depois de vermos todo o material fílmico que coletamos e analisarmos com cautela todas as partes do conto que tínhamos selecionado, percebemos que ficaria um vídeo longo e, pior do que isso, com uma linguagem difícil, por possuir palavras desconhecidas atualmente, um português arcaico. A saída foi reduzir as citações do conto, procurando colocar trechos que julgamos ser mais emblemáticos e condizentes com o que tínhamos de material. De dezessete trechos selecionados inicialmente, reduzimos para apenas quatro. Assim pudemos explorar melhor as imagens, entrevistas e músicas utilizadas.

A edição de vídeo foi realizada inicialmente no programa *Movie Maker*, *software* básico de edição de vídeos da *Microsoft* e finalizada no *Premiere*, *software* da *Adobe* que possui mais recursos, no qual foi possível melhorar o som e as passagens de um vídeo para o outro.

O documentário inicia com uma proposta estética de sair do passado para chegar no presente; passando de um croqui de um mapa da região e indo para uma sequência de imagens alterando a cor: iniciando em preto e branco, passando para o sépia e finalizando em colorido. A intenção foi de começar a embarcar o/a espectador/a nessa mistura de

passado com o presente. A proposta segue com intercalação de imagens, músicas, narração de trechos do conto de Lobato e depoimentos, na tentativa de mostrar que independentemente de como as pessoas percebem e vivem a região, as cidades não morrem, pois a História e a Geografia presentes hoje são consequências do passado e que, portanto, não podem ser apagadas, mesmo tendo mudado suas formas de usos e apropriações, por isso a denominação do documentário: "Veias do passado, marcas no presente – desmistificação das 'Cidades Mortas'". Boa parte do documentário dedica-se a mostrar as continuidades e descontinuidades a partir do conto de Lobato. Nossa maior crítica foi deixada para o final, em que trazemos o seguinte trecho:

Cafezais extintos. Agregados dispersos. Subsistem unicamente, como lagartixas na pedra, um pugilo de caboclos opilados, de esclerótica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querência, verdadeiros vegetais de carne que não florescem nem frutificam. (LOBATO, [1919] 2012, *online*).

Neste trecho é possível identificar qual era a visão de Lobato em relação às pessoas que foram escravizadas (visão que representa a de muitas pessoas daquela época e, infelizmente, para algumas até hoje). E foi justamente com esse trecho que buscamos trazer a crítica ao apagamento e silenciamento da história da população negra que ali sobreviveu. As imagens que aparecem no final são de pinturas que estão expostas na Fazenda dos Coqueiros, as quais são identificadas, pela proprietária desta fazenda, como pinturas mediúnicas. São pinturas muito realistas que nos sensibilizou muitíssimo. Segundo a proprietária, a pessoa que lhe deu essas pinturas disse que elas foram enviadas por Vovó Catarina, uma mulher negra que quando criança foi arrancada de sua terra natal e trazida para o Brasil para ser escravizada. Foi colocada na função de parteira, o que lhe doía no muito por trazer à vida crianças que teriam como destino ser escravizadas. Se ela não conseguia fazer um parto bem-sucedido, era severamente punida, pois isso representava prejuízo de perda de mão-de-obra potencial para o colono. Res a lenda que ela tinha muito conhecimento em relação à ervas medicinais, o que a possibilitou se tornar estéril, além disso, ela não tinha nenhuma vaidade, ao

contrário, fazia de tudo para mostrar-se como feia aos olhos do colono na tentativa de não ser estuprada. Teve uma vida um pouco melhor depois que realizou um parto difícil da sinhazinha de onde sobrevivia, mas nunca deixou de ser procurada para fazer partos. Vovó Catarina se tornou uma entidade, uma guia espiritual da umbanda. Ao pesquisarmos sobre o assunto, soubemos que existem várias Vovós Catarinas e várias histórias que são contadas pelas próprias entidades através de incorporação ou psicografia. A história aqui contada é de Vovó Catarina de Aruanda. O termo "vovó" foi cunhado devido a ela ter trazido à vida muitas crianças e nunca ter sido mãe. Vovó Catarina é um grande símbolo de resistência e sabedoria negra [8].

Essa história que buscamos conhecer através das pinturas ditas como mediúnicas nos sensibilizou extremamente, a ponto de nos sentirmos tocados por uma energia sobrenatural que identificamos ser de Vovó Catarina, o que nos fez mudar o final que tínhamos montado para o documentário, trazendo, então, uma proposta de reflexão e homenagem à população negra que tanto sofreu e ainda sofre com as consequências do período escravocrata. É por isso que Vovó Catarina está como uma inspiração e em agradecimento especial nos créditos do documentário.

Dessa forma, o referido documentário busca trazer um retrato da região sob a perspectiva de que as cidades valeparaibanas estão vivas tanto em relação às adaptações à economia turística quanto à manutenção de tradições e preconceitos herdados do período colonial como, por exemplo, o racismo estrutural, que faz com que o povo negro se mantenha num lugar subalterno na sociedade e continue lutando por sua sobrevivência. Um retrato não só do Vale, como de todo o Brasil. Um projeto de nação dos "dois brasis" (LAMBERT, 1969) que mistura elementos do arcaico e do moderno (RANGEL, [1978] 2005) e persiste e retroalimenta a elite do atraso (SOUZA, 2017). Assim, o documentário serve como uma proposta de reflexão e denúncia que tem como intenção servir para pesquisas futuras e para utilização como ferramenta de ensino-aprendizagem em Geografia.

considerações finais

Neste artigo pudemos observar que as etapas necessárias à realização de um Estudo do Meio encaixam-se perfeitamente às etapas necessárias à realização de um produto fílmico, tendo até mesmo prefixos iguais. Dessa forma, defendemos que o Estudo do Meio pode ser uma ferramenta metodológica viável não só para o ensino-aprendizagem em Geografia, como também para a pesquisa acadêmica e para a realização de documentários, devido ao fato de que este tipo de produto, assim como o Estudo do Meio, precisa lidar com a complexidade da realidade concreta, diferentemente de filmes de ficção, por exemplo, em que o diretor cria sua própria realidade.

Destacamos que em campo nos deparamos com várias questões inesperadas, o que nos proporcionou uma profunda reflexão e, consequente, gerou uma necessidade de mudança de proposta de roteiro em relação à pensada inicialmente para conseguimos expor os incômodos que sentimos em campo na linguagem de documentário.

Concluímos, enfim, que as reflexões levantadas neste artigo apontam para a questão da importância de não se realizar somente uma pesquisa embasada em dados apenas coletados em gabinete. Nada substitui a experiência empírica com a realidade. Para além das práticas de ensino-aprendizagem em Geografia, isso demonstra o quão relevante é o Estudo do Meio como metodologia para a realização de pesquisas acadêmicas e produção de documentários. Isto é, trata-se de uma metodologia útil seja para pesquisador/a, documentarista, docente ou discente (independentemente do nível de ensino), portanto, precisa ser divulgada e estimulada amplamente a sua utilização.

notas

[1] Além da autora e do autor deste artigo, o grupo de trabalho envolvido na criação do documentário contou com a participação de Carolina Urbani do Nascimento, Daniela Fernandes Sobrinho, Luísa Rocha Cardoso dos Santos, Marilena da Costa Felipe, Matheus Pinto de Almeida, Raquel Rocha Borges e Thaís Montagna Tavares. O documentário está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ooc6F8UoWgk&t=14s.

- [2] Publicado somente em 1919.
- [3] Cidade na qual teríamos disponibilidade para realizar esta pesquisa.
- [4] Como apontado no título de umdos documentários do projeto "Terra Paulista. Disponível em: http://www.terrapaulista.org.br/projeto/terra_paulista.asp.
- [5] Trata-se do senhor que aparece no documentário.
- [6] Infelizmente tivemos uma falha técnica ao executar este arquivo e acabamos perdendo a entrevista realizada com essa pessoa.
- [7] Trata-se do jovem que aparece no documentário.
- [8] Informações retiradas do vídeo "A História da Preta Velha Vovó Catarina", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eVrW1yv-l14.

referências

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. *In:* ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 149-168.

KINDEM, Gorham; MUSBURGER, Robert. Introduction to media production: from analog to digital. Boston: Focal Press, 1997.

LAMBERT, Jacques. **Os dois brasis**. 5. ed. São Paulo: Cia. Editorial Nacional, 1969.

LOBATO, Monteiro. **Cidades mortas**. São Paulo: Biblioteca Azul, [1919] 2012.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360. Acesso em: 15 fev. 2020.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: da pré-produção à pós-produção. 3 ed. Campinas: Papirus, 2012.

RANGEL, Ignácio. Dualidade básica da economia brasileira (1957). *In:* RANGEL, Ignácio. **Obras reunidas.** vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, [1978] 2005. p. 285-354.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi Fu. Geografia humanística. *In:* CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.



Detalhe da decoração de uma das salas da Casa Grande do Hotel Fazenda Boa Vista. Bananal-SP.

Fotografia: Cleberson H. Moura.



Sobre a arte gráfica desta coletânea

por Jorge André de Lima Sales Filho

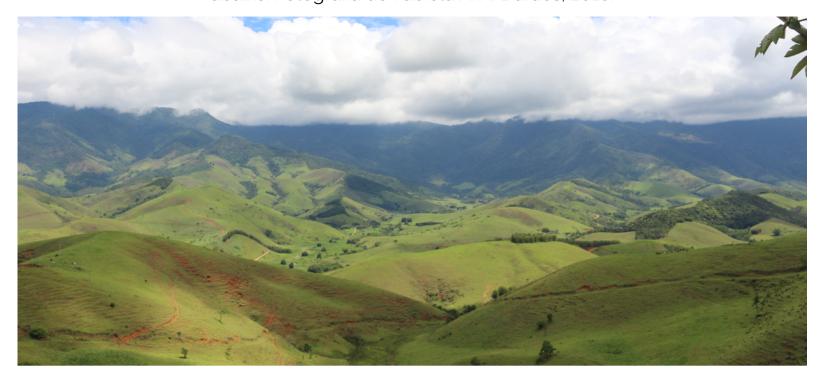
As fotografias do Vale do Paraíba realizadas pelo fotógrafo Marc Ferrez no século XIX serviram como inspiração e ponto de partida para a construção do projeto gráfico desta coletânea. Partindo de fotografias como as da Figura 1, foram tratadas as fotografias atuais do Vale do Paraíba do Sul Paulista para ficarem semelhantes graficamente, conforme as Figuras 2 e 3.

Figura 1: Imagem de pessoas escravizadas colhendo café em uma vertente no Vale do Paraíba. Fotografia de Marc Ferrez, 1881.



Fonte: Instituto Moreira Salles (IMS).

Figuras 2 e 3: Fotografias dos Mares de Morros, colorida acima e tratada em preto e branco abaixo. Fotografia de Fabíola A. A. Durães, 2018.





Fonte: Acervo da Plataforma Ensino de Geografia (PlanEnGeo),

Na capa foi utilizada a fotografia dos Mares de Morros do Vale do Paraíba atualmente e, sobre ela, o título da coletânea e a própria fotografia invertida e inserida em um círculo. No título, foi utilizada uma tipografia moderna, sem serifa, levemente distorcida e em caixa baixa para dialogar com a leveza da sobreposição das duas fotos. Sob o título, retângulos transparentes para deixar a fotografia "respirar" e reforçar o tom avermelhado dela. Os retângulos vão se repetir por todo o projeto. Na contracapa

é apresentada a fotografia sem nenhuma intervenção gráfica.

A fotografia de cabeça para baixo tem como intenção representar a distorção de alguns conceitos e ideais que perpetuam na região (conforme poderá ser observado ao longo da coletânea). Esse grafismo também vai acompanhar todo o projeto nas aberturas e fechamentos de capítulos, com diferentes imagens e disposições.

É possível observar também que todas as fotografias possuem um tom meio avermelhado nas sombras e sépia no contraste. Para as artes apresentadas ao longo da coletânea, foi inserido um fundo amarelo com transparência, conforme observado na Figura 4. A paleta de cores selecionada partiu disso.

Figura 4: Protótipo do tipo de construção de arte apresentada entre cada capítulo da coletânea.



Fonte: Criação do próprio autor.

Esperamos que o projeto gráfico possa cumprir o papel de ilustrar um pouco do Vale do Paraíba, bem como instigar e facilitar a leitura das reflexões aqui propostas.



Senzala superior da Fazenda Pau D'Alho. São José do Barreiro-SP. Fotografia: Fabíola A. A. Durães.



Sobre as autoras e os autores

Beatriz Pereira Silva

Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP, 2018). Atualmente é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH-USP) na área de concentração "Geografia da Cidade e do Urbano". Membra do Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (NEPEN-GEO-USP) e Educadora no Ensino Fundamental II da Rede Pública do Município de São Paulo-SP. Contato: pre.beatriz@yahoo.com.br.

Cleberson Henrique de Moura

Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) e técnico em assuntos administrativos no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Contato: cleberson.moura@usp.br.

Debora Cavalcante de Moraes Xavier

Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP, 2009). Atualmente é Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) na área de concentração "Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas", Educadora no Ensino Médio da Rede Privada do Município de São Paulo-SP e Produtora de materiais didáticos de Geografia para o Ensino Médio.

Contato: <u>deboracmx@gmail.com</u>.

Érica Alves Cavalcante

Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-graduação *lato sensu* em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Atua como coordenadora de ensino na área de Ciências Humanas em rede privada de ensino da cidade de Osasco-SP. Contato: ericaalvescavalcante@yahoo.com.br.

Fabíola Alice dos Anjos Durães

Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP, 2019). Atualmente é Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) na área de concentração "Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas".

Contato: fabiola,anjos.duraes@gmail.com.

Guilherme Estevão dos Santos

Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP, 2017). Atualmente é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH-USP); membro do Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (NEPEN-GEO-USP); e Professor de Ensino Fundamental II e Médio na Rede Municipal de Ensino de Barueri-SP. Contato: guilhermeestevaog4@hotmail.com.

Jorge André de Lima Sales Filho

Graduando em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Contato: <u>jsales_@live.com</u>.

Lucinea Rinaldi

Possui Mestrado (2007) e Doutorado (2016) em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP); Especialização em Direito Ambiental (Centro Universitário UNIFMU, 2015); em Literaturas de Língua Inglesa e em Tradução Literária (USP, 2006); Bacharelado em Letras (USP, 1994) e em Direito (Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1996); e Licenciaturas em Português, Espanhol (USP, 1995) e Pedagogia (Universidade Nove de Julho, UNINOVE, 2010). Atualmente é Bacharelanda e Licencianda em Geografia pela USP e professora de Ensino Fundamental I e II na Rede Pública Municipal de São Paulo-SP. Contato: lucinearinaldi@uol.com.br.

Núria Hanglei Cacete

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), na área de Metodologia do Ensino de Geografia e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Possui doutorado em Geografia Física, mestrado em Geografia Humana e graduação em Geografia, todos pela Universidade de São Paulo (USP). Dedica-se aos estudos sobre ensino superior e formação de professores, ensino de Geografia, políticas educacionais e currículo. Publicou livros, capítulos de livros e artigos sobre ensino de Geografia e formação de professores, com destaque para as obras: "Para ensinar e aprender Geografia" (em coautoria), publicado pela Editora Cortez (2007) e "O ensino superior no Brasil e a formação de professores (1930-2000)", publicado pela Paco Editorial (2017). Contato: nuriah@usp.br.



Detalhe de uma das torres da Igreja Matriz Sant'Ana. Areias-SP. Fotografia por Cleberson Moura

